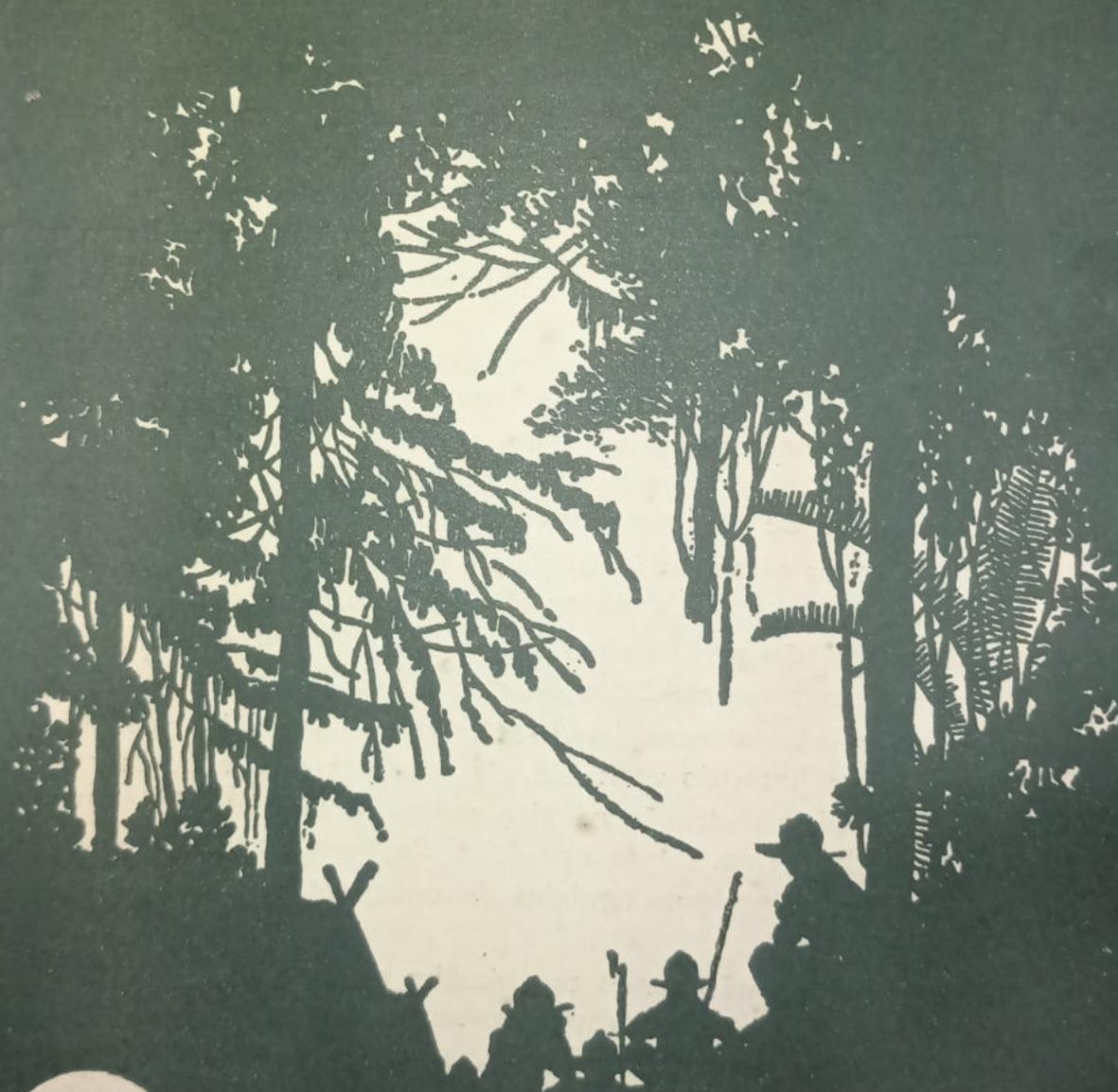


Alerta!



N.º 38
JULHO-AGOSTO
DE 1951
ANO IV



Confederação Nacional da Indústria

CURSOS MANTIDOS PELO SENAI

Cursos de Aprendizagem:

Na organização dos seus cursos de aprendizagem a administração do SENAI deu prioridade, à área de maior demanda de artífices.

O funcionamento de um parque industrial implica na existência de um número ponderável e permanente de operários qualificados de fabricação, montagem e manutenção de máquinas e equipamentos tais como: ajustadores, torneiros, fresadores, operadores mecânicos, ferramenteiros, soldados, caldeiros, montadores, fundidores, modeladores, mecânicos eletricitas, eletricitas instaladores, mecânicos de motores de explosão e carpinteiros. Mesmo as indústrias pequenas e médias, que não possuem divisões próprias de montagem e manutenção de suas máquinas se utilizam com freqüência de pequenas oficinas independentes e especializadas nêsse mistér.

Os artífices encarregados dêsse setor constituem parte cada vez mais importante no quadro dos operários qualificados dos países industriais. O seu número cresce à medida que aumenta a mecanização da indústria e a sua qualidade sóbe de nível na proporção dos novos inventos acrescido ao parque de máquinas e de equipamento.

Por isso, em todos os países industriais é das especialidades acima enumeradas o número dominante de cursos oferecidos nas escolas profissionais.

Atitude idêntica não podia deixar de ser a do SENAI em face dos levantamentos das nossas necessidades de mão de obra.

Um segundo grupo foi considerado a seguir pelo SENAI que é o das indústrias de artes gráficas, do vestuário, de artefatos de metal, de móveis, de construção civil, de construção naval e outras que se beneficiam direta ou indiretamente da formação de operários de manutenção previsto no primeiro grupo, mas necessitam também de operários qualificados na sua linha de fabricação.

Para êste foram e estão sendo organizados os seguintes cursos: compositor manual, mecanotipista, impressor, encadernador, pautador, sapateiro, cortador de calçados, modelista de calçados, alfaiate, costureira, bordadeira, marceneiro, carpinteiro, entalhador, tapeceiro, estofador, pedreiro, carpinteiro, instalador eletricista, fiandeiro, tecelão, cerzidor, laboratorista, modelador ceramista, moldador ceramista, torneiro ceramista, decorador ceramista, carpinteiro naval. Outros cursos dêstes tipo serão gradualmente criados.

(Conclue na capa final)

Alerta!

MOACYR M. REBELLO FILHO

Órgão da UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Diretor Responsável: DAVID M. DE BARROS

Gerente: EURÍPEDES DA ROSA

N.º 38

JULHO-AGOSTO DE 1951

ANO IV

O que interessa despertar...

CHEFES, meditai sobre a Promessa escoteira e verificai suas imensas finalidades. Os rapazes que por vossas mãos se guiam nos caminhos ensolarados do Movimento, prometem solenemente, ante a Bandeira sagrada, em sua primeira investidura, — amar a Deus e a sua Pátria. — Lembrai amigos, a grandesa desta frase!...

Amar à Pátria, é servi-la devotadamente, conscientemente, dando o máximo de nossos esforços e de nossas possibilidades, para seu progresso e segurança. E' preciso, que vossos escoteiros, compreendam e sintam essa responsabilidade, no momento da Promessa e nos atos seguintes de toda a sua vida. E' imperioso, que eles, sem perderem suas alegrias vibrantes e seus arruobos generosos de crianças, tragam sempre no coração e no espírito, indelévelmente gravada, a sensação deste compromisso.

E o Movimento é prodigo em recurso para vossa tarefa invulgar. A própria Lei, que é uma consequência da Promessa — Código de honra incomparável, que prometemos cumprir, — tem campo vastíssimo, para a implantação deste sentimento de consciência cívica.

Fazei-os compreender, que é fundamental, que "o escoteiro tenha uma só palavra e que coloque a honra acima de sua vida", porque só os homens que se criam no apanágio da honra, são dignos de respeito e só os povos que a cultuam, garantem sua eternidade. E o Brasil, necessita de homens honrados, probos, respeitadores da tradição e das leis, amantes do trabalho e honesto em suas ações, princípios e compromissos, capazes de darem suas vidas num preito de heroísmo aos nossos feitos gloriosos por sua integridade e seu futuro.

Fazei-os respeitar a lealdade, e quando repetirem que "o escoteiro é leal", fazei-os compreender, que a Pátria necessita da lealdade de seus filhos, em todos os trãnses de sua vida agitada.

Fazei-os amar a cortezia, e quando os lembrar que "o escoteiro é cortez", fazei-os entender, que a cortezia é a prova mais palpável de educação que garante o bom entendimento entre os homens, a boa solução de todos os negócios e que o Brasil precisa de união e de trabalho pacífico e dinâmico.

Fazei-os saber, por que é útil à Pátria, o homem bom, nobre, viril e justo e como a maior

expressão de bondade se reflete, quando o "escoteiro é bom com os animais e as plantas".

Fazei-os amantes da disciplina e praticantes da obediência, mostrando-lhes que só os povos disciplinados, podem construir de forma indissolúvel sua estrutura social e enfrentar todas as tormentas e todas as guerras. Que o Brasil presente, para os fastos do Brasil futuro, precisa ter ordem e disciplina, que só se sabendo obedecer se pode saber comandar e que a obediência é a maior virtude.

Fazei-os sentir a grandiosidade de "ser alegre e sorrir nas dificuldades", de ser calmo na derrota, sereno na desgraça e construir com os ensinamentos do fracasso, com os aborrecimentos da desventura, com os destroços da tormenta, a vitória, a grandeza, a força, o progresso, a civilização e a eternidade. E o Brasil, necessita deste ânimo, deste estímulo e entusiasmo. Que de suas fraquezas, podemos construir grandezas, de suas deficiências poderemos criar uma potência, se mantivermos o espírito forte na adversidade, sorridente na luta, crente no futuro.

Fazei-os sentir a necessidade de "ser econômico e respeitar o bem alheio", mostrando-lhes que só os povos que economizam, se tornam ricos e prósperos e que só o respeito ao bem alheio, mantém a paz interna e garante a justiça. Que o Brasil precisa, — colosso em formação — da economia de todos os seus filhos e do respeito por seus bens, do escrúpulo em relação ao emprego de sua fortuna, do cuidado com o seu patrimônio.

Fazei-os ter o ideal contínuo, de ser cada vez mais "limpo de corpo e alma", porque a Pátria necessita de homens fortes e sãos, viris e alimentados, enérgicos e decisivos, mas também moralmente bem formados, de caráter puro e espírito límpido, de idéias grandiosas e sentimentos nobres.

Fazei-os compreender enfim, que o cumprir a Lei, o realizar as provas de classes e as especialidades, o trabalhar por suas patrulhas, o praticar cada vez melhor e com mais entusiasmo o escotismo, é se tornar útil e completo para sua Pátria e colaborar para seu progresso, sua potência e sua segurança.

DESPERTAI, CHEFES, em vossos escoteiros, esta consciência de dever para o BRASIL!

HUGO BETHLEM.

Pio XII e a Educação da Juventude

Pe. Adalberto de Paula Nunes, SDS.

É de máxima importância para os nossos dias, principalmente para os que exercem a grave e a nobre missão de educadores, a alocução que o Santo Padre pronunciou no dia 6 de maio do corrente ano, ao receber, em audiência especial, um numeroso grupo de alunos e ex-alunos dos Irmãos das Escolas Cristãs.

O tema fundamental do discurso do Vigário de Cristo foi o de apontar as "notas essenciais de uma verdadeira educação cristã", que como veremos, é uma educação essencialmente integral, abrangendo o corpo e a alma, atendendo não só as exigências físicas como as espirituais do educando, formando e dirigindo a inteligência para o conhecimento da verdade, plasmando e tonificando a vontade para que ela abrace o bem e formando o coração, para os sentimentos elevados e nobres, para os ideais sublimes e puros da vida.

Nesta alocução que Pio XII dirigiu aos filhos espirituais de São João Batista de La Salle, que foi um eminente pedagogo e um grande conhecedor da alma humana, o Vigário de Cristo discorre sobre 4 interessantes aspectos da educação cristã, que poderíamos assim resumir: sua adaptação, sua formação integral, o aspecto moral-religioso da educação e a preparação dos educandos para o mundo que os espera lá fora do colégio.

É claro que não vamos tratar de tudo isto nesta pequena coluna de jornal. Evitando sempre o perigo da prolixidade dos nossos artigos, vamos tratar apenas do primeiro ponto, deixando os outros para artigos subseqüentes.

Sobre a adaptação do aluno às suas qualidades particulares e às circunstâncias em que vivem, disse Pio XII: "A arte de educação, é, de fato sob muitos aspectos, a arte da adaptação: adaptação à idade, ao temperamento, ao caráter, à capacidade, às justas aspirações do aluno, adaptação a todas às circunstâncias dos tempos e dos lugares, adaptação ao ritmo geral de progresso da humanidade"

Sobre este pequeno e tão sábio trecho de Pio XII, poderíamos dizer muitas coisas, principalmente se quisermos aplicá-lo a certas exigências da tão apregoada Escola Nova, onde, muitas vezes, os educadores não levam em conta as qualidades específicas de cada educando, e os alunos são todos nivelados, mes-

mo com relação ao sexo, como se todos eles viessem das mesmas condições sociais e de família, tivessem a mesma idade, o mesmo temperamento e aspirassem os mesmos ideais de vida. Quantas crianças não são tratadas como se fossem adolescentes, e estes como adultos, causando isto um enorme prejuízo na formação do educando! Não há coisa mais ridícula e triste do que uma criança pensando e agindo como adolescentes e adultos, sentindo como gente grande e tomando pose, dos que já têm certa idade! E quanto às aspirações dos educandos, quantos desvios da sua verdadeira vocação, acarretando, com isto, graves conseqüências para o seu futuro!

Não somente os educadores são os responsáveis dos males provenientes de uma educação falsa e errônea, a partir da adaptação do aluno. Os pais também, que são e devem ser os primeiros educadores de seus filhos, cometem os mesmos erros. Quantos pais não apressam e não encurtam os anos felizes da infância de seus filhos, quando uma boa pedagogia os faria prolongar o mais dilatadamente possível!

(Transcrito do "Diário de Notícias" — Ribeirão Preto — São Paulo).



Escoteiros da Pátria

A Diretoria Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, em sessão ordinária realizada em 9 de julho, solucionando o ofício n.º 20, datado de 20 de julho do corrente ano, da Região Escoteira do Estado de São Paulo, resolveu, por unanimidade de votos dos seus diretores, conceder os distintivos de "Escoteiros da Pátria", aos escoteiros BERNT OLAF DYB-WOD, ROWNEY ARCHIBALD SCOTT, PETER CHARLES BINA e CALVIN HAMILTON REED, todos da Associação de Escoteiros de São Paulo.

Revista "Alerta!", congratulando-se com a Região Escoteira do Estado de São Paulo, felicita, também, os novos Escoteiros da Pátria.

Barracas para Pioneiros

Ch. Jacques François Decot

A.E.C. S.J.B. da Lagôa

Como todos sabem, a Região do Distrito Federal, promoverá para os dias 7, 8 e 9 de setembro deste ano, um "Rover Moot", em Itatiaia, atividade esta só de pioneiros, que servirá de preparo para o próximo "Rover Moot Internacional".

Lembrando que cada pioneiro deve ser um homem independente dos outros, o Comissário Regional do D.F., Chefe João Ribeiro dos Santos, deseja que cada pioneiro, compareça com seus material individual, e de preferência feito por êle próprio.

Uma das coisas que mais falta aos nossos pioneiros, é a barraca individual, pois creio que poucos ou nenhum a possuem.

Para facilitar o trabalho de vocês, de pensar um tipo e calculá-lo, apresento aqui 4 modelos, cujas medidas, podem ser modificadas, proporcionalmente, caso as indicadas não convierem com a estatura ou volume do pioneiro.

Tomei por base, um comprimento de 2 m., uma largura de 1,20 m., e uma altura de 1,30 m. medidas estas que dão a uma pessoa de estatura normal, o conforto necessário a um agradável acampamento.

Nos desenhos ao lado, apresento uma perspectiva da barraca, a mesma aberta, isto é, desenvolvida, mostrando a configuração do tecido, com suas medidas bem como as cos-

a — 1,45m. b — 1,05m.
e — 1,50m. f — 0,80m.
i — 0,50m.

As alças e os reforços triangulares são feitos das sobras, que no desenho aparecem achurriadas.

O acabamento da barraca, pode ser feito a vontade, isto é, se quiserem para maior conforto, usar lona de chão, duplo-teto, etc. . . .

No caso do duplo-teto, é necessário comprar tecido equivalente aos cortes 1, 2, 3, 4, acrescidos de uns 10 cm. cada um.

II — Êste tipo é o mais conhecido, é a barraca comum, o nosso modelo deve vir acompanhado de um sôbre toldo para maior proteção contra a chuva.

Esta barraca necessita de dois páus de sustentação, 8 espeques para a barraca e 6 para

turas a serem feitas, e ainda o aproveitamento do pano.

Êste último ponto, o aproveitamento do pano, é necessário, para se fazer economia, pois o tecido mais conveniente, é o shantung, e êste se apresenta na praça, em geral com 1 m. de largura.

Caso o tecido que comprarem, tenha outra largura que não esta, o cálculo do aproveitamento terá de ser modificado.

As linhas tracejadas, indicam as costuras a serem feitas; o n.º dentro de um círculo, o corte, a que corresponde no tecido comprado, os riscos/// indicam que quando a barraca estiver armada, estas partes devem estar costuradas juntas.

Creio que os desenhos explicam detadhadamente o que desejo explicar, e passemos à descrição das barracas.

I — Esta barraca necessita apenas de uma sustentação na frente; o tirante passa por êle, prende, na frente da barraca e passando por dentro, pela linha AB, vai prender atrás no sólo, por um espeque.

No total são necessários 6 ms. de tecidos, 8 espeques, uns 5 ms. de tirante. Para fechar a barraca, deve-se empregar agrafes dos mais fortes.

Para clareza do desenho coloquei uma letra no lugar das medidas que são as seguintes:

c — 1,05m. d — 0,57m.
g — 1,36m. h — 0,23m.

o sôbre toldo necessita ainda de uns 15 m. de tirantes.

A parte dos fundos da barraca é fechada, não abre; a entrada é feita pela frente, as portas são as peças 4 7 e 5 8.

As medidas são as que seguem: —

a — 1,90m. b — 1,20m. c — 0,60m.
d — 0,50m. e — 0,60m. f — 0,10m.

Esta barraca, dá folgadoamente conforto para uma pessoa, mas em caso de necessidade podem nela se acomodar duas pessoas. As alças, na barraca, que vão fixar as paredes laterais ao chão, são costuradas nos pontos 1, 2, 3,

4, 5, e 6, deixando uma margem de 10 cm. de tecido, que deve ser posta para dentro da barraca, isto protege mais contra a chuva e o vento.

As alças que prendem a barraca aos esportes, e saem do teto devem passar sobre todo o teto, para evitar que se faça muito esforço sobre o tecido; estas alças estão representadas no desenho por um traço preto grosso. Observação: deve-se fazer a mesma coisa no sobre toldo.

O total de metros de tecido empregado, é 8 ms., com o sobre-toldo deve-se comprar mais 4 ms.

A altura foi abaixada e calculada para 1,10 m.

III — Este é o tipo mais fácil, mais prático, mais leve, e o mais econômico; necessita apenas de 4 m. de tecido, pode ser armado na altura que quiserem, pode ser armada com uma só sustentação, e pode ainda ser apenas amarrada a uma árvore o que evita a sustentação.

O tirante, deve prender no esporte de fun-

a — 2,00m. b — 1,52m. c — 0,35m. d — 0,30m. e — 1,00m.

IV — Por último, vem um tipo fora do comum, na sua maneira de armar; seu aspecto à primeira vista, é o mesmo das barracas existentes, só que ela abre para o lado ao invés de para a frente. Apresenta a vantagem

a — 1,20m. b — 3,60m. c — 0,60m. d — 0,10m.
e — 1,00m.

A perspectiva, nos mostra a parede lateral levantada, o que nos dá para um dia de calor uma boa sombra arejada.

As partes a mais na porta, peças 4, servem para evitar que a chuva entre na barraca.

A parte de baixo que vai servir de lona de chão pode ser feito de tecido mais forte que o shantung.

Para armar esta barraca, devo prevenir que as sustentações devem ser postas fora da barraca.

Para completar o artigo, digo que o pioneiro deve procurar pelo menos aperfeiçoar estes modelos, acrescentando ou diminuindo peças nas barracas, arranjando modos práticos de fazer artigos que reforcem a barra-

do, passar por AB, e prender então no suporte ou na árvore.

A barraca pode ainda ser armada no sentido da linha pontilhada o que lhe dará o aspecto de uma barraca comum, pode ser utilizada como lona de chão para se dormir ao relento, e pode, ainda, ser armada como sobre-toldo.

São necessários no máximo uns 6 esportes e uns 5 m. de tirantes, dependendo da maneira de armá-la.

A barraca como está apresentada no desenho, apresenta apenas um inconveniente, é aberta na parte da frente, mas isto pode ser solucionado com o acréscimo da parte em traço ponto. Este acréscimo foi calculado para a altura de 1,30 m., e a barraca com esta parte fechada apresenta-se ampla.

Este tipo, ainda apresenta uma vantagem, pode ser utilizada como mochila, quando conveniente adaptada, pensem no assunto creio que é interessante.

Com o acréscimo da parte fechada, são necessário ao todo 6 ms. de tecido.

As medidas calculadas são as seguintes: —

de já vir com lona de chão.

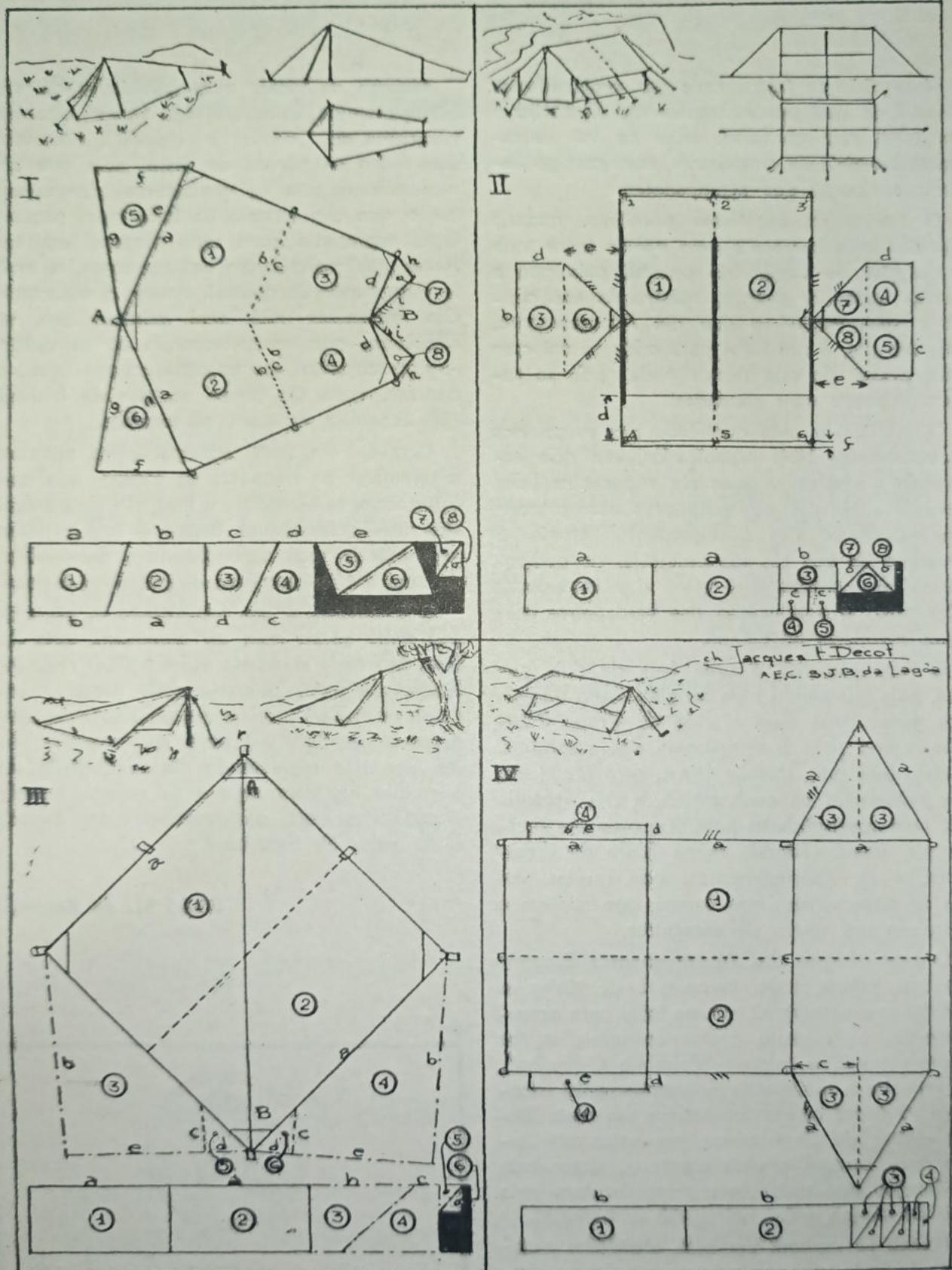
Esta barraca necessita de dois suportes, 10 esportes, e 8,70m. de tecido.

É simples de ser construída e suas medidas são as seguintes: —

ca, como por exemplo passar pelas, bainhas, tirantes ou cordas que reduzam o esforço no tecido, etc.

Se desejarem algumas idéias sobre tirantes, esportes e sustentações consultem o n.º de março-abril de 1951 do "Alerta!". Fora os que lá apresento, há também um tipo interessante de sustentação, faz-se um "V" de cabeça para baixo, e que é colocado fora da barraca, prendendo as alças superiores ao vértice do mesmo; este tipo apresenta a vantagem de não haver sustentação no interior da barraca.

Desejo que este artigo tenha podido auxiliá-los, e espero vê-los em Itatiaia, cada um com seu modelo, para isto, mãos à obra desde já.



Acampamento Escoteiro

Necessário se torna, cada vez mais, afastar a ideia de que um Acampamento Escoteiro é um local sem conforto, onde se vai unicamente levado pelo entusiasmo, num castigo imposto ao corpo dos acampadores.

O tempo do Escotismo primitivo, quando dois panos de barraca e uma panela eram todo o material de campo, já passou, pois que a técnica escoteira avança, mostrando aos chefes e seus escoteiros que um Acampamento, hoje em dia, é um local para onde se vai com mais prazer do que nunca e de onde se regressa sempre com saudades.

"Conforto" é uma qualidade que reina, nos acampamentos bem organizados, em que escoteiros e chefes primam em superar os bons resultados obtidos em anteriores acampamentos. "Conforto" nos acampamentos atuais, é sinônimo de boa técnica escoteira, da competência dos chefes, do valor dos escoteiros, "Conforto" é a aplicação dos verdadeiros métodos escotistas no campo.

O Acampamento é uma faca de dois gumes, pois que sendo bem dirigido é um magnífico estimulante para a vida da Tropa Escoteira, como para o entusiasmo dos escoteiros. Porém, sem uma direção firme, sem atividades que aumentem os conhecimentos dos escoteiros, sem oportunidades para que cada um mostre seu valor, redundando numa fonte de dissabores, e de aborrecimentos, que muitas vezes se transformam nas causas que abalam e destroem um grupo de escoteiros.

O pior inimigo dos Acampamentos Escoteiros é a Rotina, aliás, como o é de todas as atividades escotistas. O mesmo local para acampamento, os mesmos pratos as refeições, os mesmos jogos, o mesmo "Fogo de Conselho", de maneira a quem vê um acampamento escoteiro vê todos os outros, é uma das mais fortes razões do desinteresse por estas atividades, que corrompem a vida escoteira, destruindo a vibração que todos os meninos sentem pela vida de campo, pelas noites sob as barracas.

Nunca se repitam em suas atividades escoteiras", devia ser uma aviso que todos os chefes e dirigentes escoteiros precisavam ter em sua frente, para evitarem os maus resultados que tantas vezes alcançam por sua própria culpa.

Mudem os locais e as atividades de seus acampamentos. Evitem, a todo o pano, os acampamentos de "fundo de quintal", horrorosos sob todos os pontos de vista, pois que eles representam para os verdadeiros acampamentos o que um passeio de bote num pequeno lago, representa para uma viagem marítima. Antes não realizar um acampamento, a fazê-lo num fundo de quintal. Assim, a expectativa dos escoteiros não será perdida por um simulacro, que se corresponde ao comodismo do chefe, não corresponde aos requisitos do Escotismo, nem tão pouco ao que da Instituição Escoteira esperam os meninos.

Depois, em seus acampamentos procurem desenvolver os trabalhos de campo, que tanto interessam os escoteiros e lhes dão uma magnífica atividade, dando largas à sua iniciativa, aumentando seus conhecimentos, desenvolvendo suas tendências para os trabalhos manuais.

O Escotismo é um Movimento e, portanto, não pôde parar, nem ser dominado, pela Rotina. Em cada atividade escoteira em cada instrução de séde, o chefe deve procurar uma coisa nova para mostrar a seus escoteiros, deve proporcionar-lhes um novo ensinamento, afim de que eles regressando dessa atividade sintam que lucraram algo e se sintam, também e cada vez mais, compenetrados dos métodos e do valor do Escotismo.

David M. de Barros.



... e não se esqueça de colocar no seu bernal um pacote de

BISCOITOS AYMORÉ

A PEROLA DA CHINA

Chá, Cêra, Sementes, Conservas
e Artigos do Norte

RUA URUGUAIANA, 130 — Tel. 23-4937



Depositário dos Afamados Produtos
“PEROLA DA CHINA”

Tapioca, Mate, Sagú, Araruta, Fubá de
Arroz, Creme de Milho, Creme de Canjica,
Fubá de Milho, Fecula de Batata.



Especial Mistura para Passaros.



Amido em Caixinhas para Engomar.



Especialidades do Norte

Goma Fresca, Massa Puba, Carimã, Tucupi,
Mangaba, Cupuassú, Bacuri, Azeite de
Dendê da Bahia, Farinha D'agua

Jamborees Mundiais Escoteiros



O PÓRTICO DE UM ACAMPAMENTO NACIONAL

A MADRUGADA DO ESCOTEIRO

Levantando-se bem cedo,
Quando as flôres em botão,
Em seus galhos orvalhados,
No campo da solidão!...

Como é bela a madrugada,
Tudo ainda em quietude,
Com um sorriso nos lábios,
Pela estrada da virtude...

Vai o escoteiro sózinho,
Se infiltrando na floresta,

Os passarinhos chilreando,
A natureza tôda em festa...

Serve a todos com presteza,
De brioso coração,
Aguardando o momento,
De fazer a bôa ação.

Como os cavalheiros de outrora,
Tendo a juventude casta,
O escoteiro brasileiro,
Para o bem o mundo arrasta!...

MÁXIMAS

Algumas sentenças dos Niti-Xastras, livros de ensino da moral prática indiana, fruto da sabedoria popular, deixada pelas gerações passadas:

* * *

"Vasia é a casa, sem meninos, vasio o país onde não se tem um parente, vasio o coração estulto, um vasio inteiro a pobreza".

* * *

"Veneno é um livro que se não estudou, veneno a comida não digerida, veneno para o velho é uma moça".

"A virtude é aquele único amigo que acompanha mesmo depois da morte; mas tudo o mais acaba com o corpo".

* * *

"Um rei só favorece o homem que anda junto dêle, embora seja destituído de saber, vil ou incapaz: em geral, os príncipes da terra, as mulheres formosas, e as trepadeiras abraçam o que lhe está ao lado".

* * *

"Um dito acertado, ainda que duma criança, deve ser aceito pelo homem inteligente. Que luz há que não alumie na ausência do sol?"

Monitores

O ESPÍRITO DA PATRULHA. — E' a maneira como a Patrulha se conduz habitualmente. Pode dizer-se que a soma do espírito escoteiro de todos é que forma o espírito da Patrulha. Bons Escoteiros, dispostos a vencer, chejos de entusiasmo e empreendimento, ávidos de iniciativa, darão ótima Patrulha com ótimo espírito. Este, indubitavelmente, não nasce de um dia para outro. Cria-se com lentidão, assim como cresce o homem e aumenta a sua virtude. As renúncias sucessivas de algo agradável — excursão, festa — o sacrifício de esforços penosos, as boas ações praticadas, tudo isto se reúne, como que se enfeixa para constituir o espírito-de-Patrulha.

As boas práticas que se repetem, vêm a formar, dentro de algum tempo o que se chama — a “tradição” da Patrulha. Tradição quer dizer “entrega” os “veteranos”, “entregam” aos mais novos o hábito de fazer determinada coisa. P. ex., a comemoração do Natal, nas Tropas de Pôrto Alegre, é uma “tradição”. Uma delas, “Sogipa”, há quase trinta anos, desde a fundação, o vem fazendo. E, assim, outras “tradições” se formam, para comporem e recordarem, mais tarde, a “história” da Patrulha, tanto mais bela, quanto mais heroísmo contiver em Boas Ações, quanto mais união, compreensão mútua, e iniciativa revelar.

Note-se que “espírito de Patrulha” sempre há-de supôr estreita união dos Escoteiros. Só nestas condições é capaz de se desenvolver, porque é para a Patrulha, o que o caráter é para o Escoteiro.

E senão viver primeiro no Monitor, também não viverá na Patrulha. Está morto. Veja o Monitor, mais uma vez, a responsabilidade que tem.

O LEMA — Inscrever-se na Bandeirola, no verso da silhueta ao animal-totem, o Lema-da-Patrulha, o qual, em certo sentido, resume e expressa o espírito desta, pois é êle um pensamento que deve orientar e mover tôda a atividade dos Escoteiros. Escreve-se com frase vigorosa, decidida, que, nos momentos de alegria e sucesso, ainda mais aumenta o entusiasmo e, nas horas de abatimento, aguilhôa a vontade para a energia. Mais de uma Patrulha deve boa parte das suas virtudes à escolha acertada do Lema.

Cuida-se que o Lema jámais esteja em desacôrdo com o que exprime o animal-totem, mas seja, antes, inspirado por êste.

Patrulha-da-Águia: “Para o Alto, sempre mais alto!” — admiravelmente concorda com o Totem, ave das alturas, sobranceira e destemida, símbolo do desejo de perfeição que na-

turalmente vive em todo Escoteiro. Para o alto, pois, sempre mais alto, Escoteiros da Águia, em vosso espírito de Patrulha, que será o espírito nobre, perfeito, de vosso nobre, perfeito e grande coração.

Patrulha-do-Tigre: — “Puros e retos na intenção, destemidos na ação!”. Corrige, hábilmente, o Lema o que pudesse julgar-se menos elevado nos instintos do animal-totem. E, sendo puro e reto, será o Escoteiro destemido como aquele. Bravo, Escoteiros do Tigre! Na honestidade perfeita de vossas intenções, na retidão completa de vosso caráter, conquistas para vossa Patrulha louros que não murçam: a glória de homens viris de corpo e alma.

E vós todos, Escoteiros da Águia e do Tigre, vereis um dia a Pátria agradecida pelo que lhe destes em obediência ao Lema de vossas Patrulhas.

O AMOR À PATRULHA — E' impossível que um Escoteiro deixe de amar a sua Patrulha. E muito mais afetuada, ainda, é essa afeição no Monitor. Pode bem dizer-se que o amor à Patrulha é o termometro do espírito Escoteiro. Tanto mais alto é o grau deste, quanto mais elevado aquele. E, aqui, não se teme a febre. Deseja-se, e ainda se quer que seja durável. Feliz o Monitor que tem suas reservas algumas “injeções” de provocar, febre de amor à Patrulha, — depois de, êle próprio, havê-las tomado. E pode ficar certo, então, de que a sua Patrulha será **a melhor entre as melhores.**

Nivelar-se:

Pode algum servir quando se conserva distante a quem deseja levar ao bem?

— Assim como dois planos situados em altura diferentes não se comunicam, assim também não pode servir o Monitor, que se mantém fora do nível dos seus subordinados. Entre dois pavimentos de um edifício, colocam-se escadas, para que se encontrem. O Monitor fará o mesmo entre si e os Escoteiros de sua Patrulha; empregará uma escada especial, e, como não poderá elevar os Escoteiros até si próprio de um momento para outro, descera ao seu alcance para depois, então, fazê-los subir. A escada especial, compreende duas partes que se chamam BOA VONTADE e MODÉSTIA. Com tão boas companheiras, será fácil, nivelar-se ao menor dos Escoteiros.

Se não fizer isto, ao exercer o comando, agirá como as cataratas que se despencam das

grandes alturas, ferindo, com estrondo, o abismo onde se transformam em simples espuma inútil. É a imagem das ordens atiradas de muito alto: produzem inquietação e temor nos subordinados que as recebem, e, às vezes, destróem-lhes a alegria de obedecer. Tornaram-se, então inútil, transformaram-se em espuma.

O **Orgulho** é o defeito único que impede o nivelamento entre dirigente e dirigido. **Esconde-se debaixo de inúmeros disfarces enganadores. Ora sopra ao ouvido a que se nivela ao perder o prestígio e a autoridade.** Ora inspira a idéia de regalias que deve tomar quem estiver mais alto, e que se traduzem em velha fórmula: "Façam o que digo, mas não façam o que eu faço". Ora insufla a arrogância ou a gabolice. E veremos, então, o soberbo a mandar com voz de trovão, para que todos o ouçam e notem que é o chefe. Assisti-lo-emos, também, a encher ouvidos alheios com os feitos notáveis que realizou, ou os grandes planos do que pretende levar a cabo. E tôdas as suas opiniões são infalivelmente certas, rejeitam qualquer idéia contrária.

O orgulho cega. O orgulho mata.

No chefe, mata o bom senso e a capacidade de raciocinar. No subordinado, mata o estímulo para o trabalho. O orgulho pode ser bajulado e temido. Sómente quem é humilde é amado.

O verdadeiro Monitor fala pouco de si mesmo e vai buscar na prudência dos mais experimentados as lições para agir nos casos difíceis. Seus Escoteiros são mais que colaboradores, isto é, companheiros de trabalho, porque são seus irmãos. Nas ordens, usa de moderação e permite aos comandados de exprimir seus pensamento sobre a tarefa que lhes dá. Aceita as boas idéias e reconhece as boas intenções. É estrito cumpridor do 2.º artigo e exige a lealdade em tudo porque prefere uma observação ou repreensão justa a qualquer elogio. "Mais vale um bom censor que mil cortezes". — Reza o ditado. Sabe que a humildade é poderosa conselheira, e que jámais existe, no homem, motivo para orgulhar-se.

A esse respeito é expressivo o que se narra de Diógenes e o Rei Alexandre, da Macedônia. De certa feita, Alexandre encontra o filósofo a remexer, com um bastão, um amontoado de caveiras. Movido de curiosidade por tão singular atitude, pergunta o rei a Diógenes: "Que fazes aí, ocupado dessa forma?" Responde o outro: "Procuro achar entre tôdas estas caveiras, os ossos de Felipe, Rei da Macedônia". Felipe havia sido dos mais ilustres predecessores de Alexandre.

Aí se vê, mais que outra parte qualquer, a igualdade dos homens.

CATIVAR — Quer dizer **prender**. Cativo é o sinônimo de escravo. Pois, na verdade, quem soube cativar outrem, tornou-o, de certo modo, seu escravo voluntário.

O Monitor deve saber cativar logo ao primeiro contáto, pela afabilidade e alegria. É o cumprimento da primeira parte do oitavo artigo. Os rostos fechados, como céu em véspera de tempestade, não constituem atrativo para colher simpatias. Livre-nos Deus de fisionomias cerradas e sombrias. Quando Cristo foi interrogado por dois jovens, André e João, "Mestre, onde moras?" — respondeu simplesmente: "Vinde e vêde!" E, só depois de ter passado com eles o resto da tarde e lhes ter ganho a simpatia pela amabilidade, lhes participou o segrêdo de sua Missão Divina. E os dois tornaram-se os primeiros discípulos.

"Santo triste, afirma o proverbio, é triste santo".

Cativar é cuidado que terá o Monitor desde o primeiro encontro, pois pelo coração se levam os homens. Cada um de nós já deve ter alguma experiência disto. Por que nos tornamos tão inclinados para êste ou aquele companheiro? Porque êle nos cativou.

Façamos o mesmo.

AMAR. — O Monitor rosto alegre cativa, no primeiro momento, a simpatia dos Escoteiros. Mas para conservar esta simpatia do começo, e criar a **afeição** é necessária amá-los.

Infelizmente, o verbo amar é, empregado até com significados vergonhosos. No verdadeiro sentido é, porém, uma expressão cheia de nobreza, a mais sublime de todo o vocabulário humano. Os pais amam aos filhos e estes a seus pais. O patriota ama a sua Pátria. O cristão ama a Deus. O Monitor ama aos seus Escoteiros.

É isto mais do que ter simplesmente simpatia.

Perguntando D. Bosco sobre como podia manter unidos a êle tantos rapazes, mau grado as privações que, às vezes, tinham de passar pela pobreza da casa, respondeu: "Amando-os!"

Será preciso, muito frequentemente, **saber perdoar** e ter **paciência**. Para a alma perfeitamente escoteira de um Monitor não será muito difícil. Quem se lembra dos próprios defeitos, das barreiras que encontrou para aprender mais de uma coisa a seu ver "difícil" e da paciência, que já outros tiveram para com êle, também achará o caminho a seguir. É inevitável que os inexperientes causem desgostos, cometam falhas e até dêem um ou outro prejuízo à Patrulha, por estouvamento ou excesso de boa vontade. Para tudo isto, há um só remédio: **saber perdoar** e ter **paciência**. Pergunte-se o Monitor: "Não fui assim, também?" |Pai, perdoar-lhes porque não sabem o que fazem!" disse Nosso Senhor na sua dolorosa agonia. Ora, se até para a fria e crúa maldade se merece o perdão, quanto mais para esses pequenos contratempos tantas vezes involuntários, e sem maldícia.

É certo, ainda, que nada cresce numa hora, apenas, nem Roma foi feita num dia. Muita pa-

ciência, pois, e em primeiro lugar, paciência **consigo mesmo!**

Dedicar-se como que "a prestações", medrosamente, não é ser sincero, é temer as consequências da generosidade. Mais vale permanecer inerte que representar este simulacro de dedicação. Esta, quando verdadeira, leal, chega naturalmente ao sacrifício. E a dedicação dura o tempo que vive o Ideal: **sempre.**

DEDICAR-SE. — Amando, querendo o bem aos seus Escoteiros, acha-se o caminho da dedicação. Não basta conhecer o Ideal Escoteiro. E' preciso VIVER esse Ideal, isto é, fazer da Promessa e da Lei, do cumprimento total dos nossos deveres para com Deus, a Pátria e o Próximo, a regra de todos os nossos instantes de vida. Dedicar-se quer dizer **dar-se, entregar-se.**

E a não ser que o Monitor proceda assim, **dan-do-se**, à sua Patrulha, não conseguirá jamais coisas dignas de nota. A dedicação é esforço pelo qual todos os atos convergem para um só fim. Nada de grandioso nem meritório existe no mundo sem essa condição. Grande é o chefe que sabe dedicar-se, desinteressadamente, sem esperar recompensas nem aplausos, familiarizando-se, até, com a incompreensão e as oposições.

Até **onde** e até **quando** o Monitor deve dedicar-se?

A melhor medida de se dedicar é **dedicar-se sem medidas!** És cristão? Olha o crucifixo! E' a maior resposta. Até ali, vai o sacrifício de quem quer dedicar-se, deveras, totalmente!

A dedicação até o sacrifício é a única moeda que compra a vitória.



Esses Grupos!...

Enrique Genovés

"Ojo de Lince"

("Sempre Pronto" — Maio de 1951).

Quando um grupo não marcha como é devido, quando carece de espírito escotista ou lhe falta moral para o trabalho, quando os seus componentes não parecem escoteiros, mas antes um magote de amigalhões enfastiados e sem vontade; quando os rapazes mostram mais interesse pelo cinema ou pelo futebol que pelas atividades da sua Patrulha, quando, enfim, "aquilo" é qualquer coisa menos um Grupo, é que indubitavelmente existe alguma engrenagem que não funciona devidamente. Porque o Método Escotista provou a sua eficácia em todos os climas, em todos os tempos e com rapazes de tôdas as espécies desde há 40 anos, e sem em algum lugar fracassar, não podemos atribuir a deficiência do sistema senão que haverá que pensar em que há erros de aplicação.

Muitas podem ser as causas do mau funcionamento do Grupo, da sua escassa moral, porém, pode afirmar-se sem medo de errar que 95% delas são imputáveis a uma má direção, à existência à frente do Grupo de um Chefe escotistamente mau, carecendo do necessário adestramento para cumprir com êxito a sua importante missão. E sem Chefe ou, o que é igual, com um Chefe incapaz, o Grupo poderá ir-se mantendo em estado latente mais ou menos tempo — segundo se desgostam os rapazes — porém carecerá de verdadeira vida escotista.

Depois de existirem tantos anos no país como entidade cívica e educadora, é altura de prestar a necessária atenção a esses Grupos que fenecem na passividade, esses Grupos que só cobram uma falsa aparência de vida quando se trata de acudir a alguma festa, organizar um bailezito, ou impor uma estrêla de antiguidade ao filho do amigo do Chefe.

O Método Escoteiro é movimento, atividade, trabalho, entusiasmo. Todo êle, para que se não converta numa nova Torre de Babel, precisa de ser integrado num programa, programa flexível, modificável segundo se desenrolem as coisas ou surjam iniciativas interessantes, porém, programa pensado, planeado, revisto e, sobretudo, realizado.

E' preciso que os Chefes se percatem bem de qual é a sua missão e a responsabilidade em que incorrem ante Deus, a Pátria, a Sociedade e o Escotismo, ao aceitarem o encargo honroso de orientar um punhado de rapazes pelo caminho do bem e da felicidade. Há que ser Chefe, porém, de verdade, não desses que só sabem de Escotismo que é algo que inventaram os ingleses, que os rapazitos se vestem com um uniforme bastante bonito, que uma tarde por outra se vai um bocado ao campo a comer um empadão de batatas sentado à sombra de uma árvore, e que, em dia de festa na vila se pode brilhar nas ruas à frente dos rapazes formados à maneira militar. Queremos Chefes de verdade; e assim como para ser Professor de Matemáticas é ne-

cessário estudar o curso, também para ser Chefe Escoteiro é preciso estudar, interessar-se pelo que é Escotismo como doutrina e a sua aplicação na prática educativa.

Um Grupo é algo muito precioso algo demasiado interessante para deixá-lo submetido à incapacidade do primeiro senhor — excelente pessoa cheia de boa vontade — que venha à rua dizer que quer "cooperar na nossa obra". Quando estamos doentes procuramos o auxílio do médicos, não de um senhor cheio de boa vontade e de excelente conduta. Porque será que quando se precisa de um Chefe não se comprova também se "tem títulos"?

Já sei que a falta de Chefes capacitados é o maior problema que enfrenta a Associação, e que a sua resolução não é coisa de um par de dias. Porém, fez-se alguma coisa para encarar de frente o problema? Não chegaremos tarde se se vai deixando para o outro dia? O Ideal é a celebração frequente de cursos segundo o plano de Gilwell, tal como se está fazendo no Brasil e outros países sul-americanos. Porém, enquanto isso não chega, é imprescindível que cada Chefe leia, estude, pergunte, discuta, se inteire por conta própria do que é o Escotismo. Isso pode fazer-se num âmbito local ou regional, de um modo planejado, no estilo de Mesas Redondas de Seniores. Não é possível, em cada cidade, que todos os Che-

fes se reúnam uma ou duas vezes por mês e falem de Escotismo? Se os Chefes têm um mínimo de boa vontade, de amor às nossas coisas, o assunto é facilimo. Neste aspecto possui uma grande experiência pessoal, forjada em condições terrivelmente adversas, e que, escotistamente, não desejo aos meus irmãos portugueses.

O que é indubitável é que há que fazer algo e fazê-lo de pronto, para infundir vitalidade a esses Grupos que se apagam lentamente; e também a esses outros que, sem mingua de efetivos, caracem por completo dos valores morais necessários para que nos sintamos orgulhosos deles.

O Escotismo é muito fácil, muito simples; tão simples como a alma das crianças. Talvez por isso pareça difícil a alguns; a esses que se esquecem que B.-P. criou este método para os rapazes, nunca para os Chefes.

Há algo essencial, básico no Escotismo, pelo mesmo que é algo consubstancial da juventude; atividade de ar livre, de campo, com frio ou com calor, com chuva e com sol, de dia e de noite. Esqueçamos um pouco as lições de morse na sede do Grupo. Movei os rapazes, que joguem, fazei-os intervir ativamente nas coisas do Grupo através das suas Patrulhas, e o êxito virá então.



À COLEGIAL, UNIFORMES E VESTUÁRIOS LTDA.

SECÇÃO ESPECIALISADA EM ROUPAS PARA MONTARIA, PARA AMBOS OS
SEXOS E TÔDAS AS IDADES

UNIFORMES E ENXOVAIS PARA TODOS OS COLÉGIOS

A MAIOR CASA EM VESTUÁRIOS PARA CRIANÇAS

À COLEGIAL, UNIFORMES E VESTUÁRIOS LTDA.

LARGO DE SÃO FRANCISCO, 38-40

Fones: 23-6367 e 23-6390

Filial: Meyer — RUA LUCIDIO LAGO, 38

Fone: 49-5959

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 - 1951

SÉDE - CIDADE DO RIO DE JANEIRO, D.F.

AGÊNCIAS

a) no BRASIL

ACRE — Cruzeiro do Sul, Rio Branco.

ALAGOAS — Maceió, Palmeira dos Índios, Penedo, União dos Palmares, Viçosa.

AMAPÁ — Macapá

AMAZONAS — Manaus.

BAHIA — Alagoinhas, Amargosa, Barra, Barreiras, Caiteté, Canavieiras, Feira de Sant'Ana, Ilhéus, Itaberaba, Itabuna, Itambé, Jacobina, Jequié, Juazeiro, Lençóis, Mundo Novo, Nazaré, Salvador, Santo Amaro, São Felix, Senhor do Bonfim, Serrinha, Ubaitaba, Vitória da Conquista.

CEARÁ — Aracati, Camocim, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Quixadá, Senador Pompeu, Sobral.

DISTRITO FEDERAL — Agência Central (rua 1º de Março nº 66), Metropolitana Bandeira (rua Mariz e Barros nº 44), Metropolitana Botafogo (rua Voluntários da Pátria nº 449), Metropolitana Campo Grande (rua Campo Grande nº 162), Metropolitana Copacabana (avenida Nossa Senhora de Copacabana nº 1.292), Metropolitana Glória (rua do Catete nº 238-A), Metropolitana Madureira (rua Carvalho de Souza nº 299), Metropolitana Meyer avenida Amaro Cavalcanti nº 95), Metropolitana Ramos (rua Leopoldina Rêgo nº 78), Metropolitana São Cristóvão (rua Figueira de Melo nº 360), Metropolitana Saúde (rua do Livramento nº 63), Metropolitana Tijuca (Praça Saenz Pena), Metropolitana Tiradentes (avenida Gomes Freire nº 196).

ESPÍRITO SANTO — Alegre, Cachoeiro de Itape-Mirim, Colatina, Mimoso do Sul, Santa Teresa, São Mateus, Vitória.

GOIÁS — Buriti Alegre, Goiânia Goiás, Ipameri, Rio Verde.

GUAPORÉ — Pôrto Velho.

MARANHÃO — Carolina, Caxias, Codó, Pedreiras, São Luiz.

MATO GROSSO — Aquidauana, Bela Vista, Cáceres, Campo Grande, Corumbá, Cuiabá, Guiratinga, Maracaju, Ponta Porã, Três Lagoas.

MINAS GERAIS — Aimorés, Alfenas, Almenara, Araçuaí, Araguari, Araxá, Barbacena, Belo Horizonte, Bicas, Boa Esperança, Campo Belo, Carangola, Caratinga, Carlos Chagas, Cataguases, Curvelo, Dolores do Indaiá, Formiga, Governador Valadares, Guaxupé, Ituiutaba, Januária, Juiz de Fôra, Montes Claros, Muriaé, Ouro Fino, Pará de Minas, Passos, Patos de Minas, Patrocínio, Pedra Azul, Pirapora, Ponte Nova, São João del Rei, Teófilo Ottoni, Três Corações, Ubá, Uberaba, Uberlândia, Varginha.

PARÁ — Belém, Bragança, Óbidos, Santarem.

PARAÍBA — Areia, Cajazeiras, Campina Grande, Guarabira, Itabaiana, João Pessoa, Monteiro, Patos.

PARANÁ — Cornélio Procopio, Curitiba, Foz do Iguaçu, Irati, Jacarézinho, Londrina, Paranaguá, Ponta Grossa, União da Vitória.

PERNAMBUCO — Arcoverde, Caruaru, Garanhuns, Goiana, Limoeiro, Palmares, Recife, Serra Talhada, Vitória de Santo Antão.

PIAUI — Campo Maior, Floriano, Luzilândia, Parnaíba, Picos, Piracuruca, Piri-piri, Teresina, União.

RIO BRANCO — Boa Vista.

RIO DE JANEIRO — Barra do Pirai, Bom Jesus de Itabapoana, Cabo Frio, Campos, Cantagalo, Itaperuna, Macaé, Niterói, Nova Iguaçu, Petrópolis, Resende, Volta Redonda.

RIO GRANDE DO NORTE — Agu, Caicó, Moçoro, Natal.

RIO GRANDE DO SUL — Alegrete, Bagé, Bento Gonçalves, Cachoeira do Sul, Camaquã, Caxias do Sul, Cruz Alta, Dom Pedrito, Erechim, Itaqui, Jaguarão, Lajeado, Livramento, Passo Fundo, Pelotas, Pôrto Alegre, Quaraí, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Vitória do Palmar, Santo Angelo, São Borja, São Gabriel, São Leopoldo, Tapes, Uruguaiana, Vacaria.

SANTA CATARINA — Blumenau, Florianópolis, Joinville, Juacaba, Mafra, Rio do Sul, Tubarão.

SÃO PAULO — Andradina, Araçatuba, Araraquara, Assis, Avaré, Beriri, Barretos, Bauru, Bebedouro, Botucatu, Bragança Paulista, Cafelândia, Campinas, Catanduva, Franca, Garça, Itapetininga, Itapira, Ituverava, Jaboticabal, Jaú, Limeira, Lins, Lucélia, Marília, Matão, Mirassol, Monte Aprazível, Nova Granada, Novo Horizonte, Olímpia, Orlandia, Paraguaçu, Paulista, Pederneiras, Piracicaba, Piraçununga, Piraju, Pirajul, Presidente Prudente, Promissão, Rancharia, Ribeirão Bonito, Ribeirão Preto, Rio Claro, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, Santo André, Santos, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Paulo, Sorocaba, Taquaritinga, Taubaté, Tupã, Valparaíso, Votuporanga, Xavantes.

SERGIPE — Aracaju, Capela, Estância, Itabaiana, Própria, Simão Dias.

b) no EXTERIOR

URUGUAI — Montevidéu

PARAGUAI — Assunção

Mantém correspondentes em outras cidades do país e exterior.

Crise de Chefes Escoteiros

JACQUES LUCHAIRE.

Este artigo, publicado em 1937 na revista "Le Lien", trás para nós bons ensinamentos ainda hoje. Em vários pontos, inclusive na idade do Pioneirismo o articulista, refere-se a situação da França onde não há Escoteiros Seniores e onde o Pioneirismo começa aos 16 anos.

Principalmente nas grandes cidades, encontramos-nos diante de efetivos bastante numerosos que exigem Chefes Escoteiros de valor, conhecendo bem sua missão. Entretanto acontece muitas vezes, o seguinte:

O "velho" Chefe Escoteiro tomou o hábito de tudo fazer para que tudo esteja bem feito. Sua personalidade, incrementada, pelo cumprimento de sua tarefa de chefe, não admite intermediários entre êles e seus escoteiros. Pouco a pouco chega-se a êste temível genero de Tropa Escoteira (principalmente nos grandes centros) composta de um Chefe Escoteiro, 4 a 5 Patrulhas de 8 a 10 escoteiros cada uma, Patrulhas à imagem da Tropa Escoteira, dirigida por monitores de 16 a 17 anos, certamente muito capazes, mas não tendo mais o necessário entusiasmo infantil. Entre o Chefe Escoteiros e os Monitores, dois ou três Assistentes ou Instrutores, figuras ridículas, encarregadas de vagas funções administrativas e muito raramente técnicas, ou investidas de tarefas "palpitantes" como: Impressão de circulares, fichários, por exemplo.

Nesta situação, os chefes nomeados para auxiliares, só têm uma fraquíssima atividade, numa idade em que se gosta de fazer alguma coisa. Eles sentem que o Chefe Escoteiro tem por eles um sentimento de ciúmes se eles atraíem a simpatia dos meninos ou de afastamento se eles estão investidos de uma função mais importante na Tropa Escoteira no início da qual não se pode desempenhar bem como já se tivessem uma grande experiência. Êles se desgostarão de seus cargos e ficarão, talvez, na Tropa Escoteira, vegetando, até à idade de irem para o exército, partindo e nunca mais voltando.

De outro lado os Monitores, esses futuros Chefes, mantidos na Tropa Escoteira numa idade onde o método escoteiro e suas atividades lhes parecem infantis, desgostam-se, igualmente, do Escotismo, pois têm a impressão de estarem saturados. Sua personalidade afirma-se a ela, quer outras atividades e um outro

campo de ação. E surge o dia da crise, o afastamento dos monitores, a desolação do Chefe Escoteiro que nada compreende a respeito. "Seus fiéis Monitores que "pareciam" tão bons"! Então, bem depressa, solicita aos dissidentes para continuarem na Tropa Escoteira, oferece-lhes serem Assistentes, Auxiliares, Sub-chefes. Mas, os escoteiros que viram quanto estas "altas funções", representam de pouco interessante, manifestam um entusiasmo bem reduzido e... vão-se.

Bem feliz seria o Movimento Escoteiro se estes rapazes que podem ser Chefes Escoteiros de valor, voltassem mais tarde, ao seu seio, sob a forma de Pioneiros. Na maioria das vezes, êles não voltarão. Se êles voltam, nos Clãs dos Pioneiros, isso será, por guardarem de seu Chefe Escoteiro uma recordação admiradora e emocionada; mas, eles não quere-rão imitá-lo nem, sobretudo, voltarem às fileiras das Tropas Escoteiras de que se libertaram.

Esta conclusão, tendente a estabelecer a responsabilidade do Chefe Escoteiro, é forte e poderá parecer injusta, principalmente, aos olhos dos que são incriminados. E imediatamente espoucará sua contestação: "A tarefa do Chefe de Tropa Escoteiro é muito difícil, muito absorvente. Nós a ela nos entregamos, completamente (demais, infelizmente). Conduzimos os rapazes ao limiar da vida, material e espiritualmente, e no momento em que nós sentimos que se produz entre êles a evolução procurada, ou provocada, que caminho devemos indicar a estes rapazes de 16 aos 17 anos? Os Pioneiros?"

"Mas, então, vão ingressar nesses Clãs de rapazes maiores, que nada mais têm de escoteiro senão o uniforme, que mistificam e são a antítese viva do exemplo que eu procuro pôr debaixo dos olhos de meus escoteiros. Não, nunca. Vale melhor que eles fiquem no meio da Tropa Escoteira, êste meio verdadeiramente são, verdadeiramente escoteiro".

— Mas, aí, eles nada farão.

— "Mas, fazem, sim. E depois eu tenho necessidade de numerosos auxiliares e depois é justo que aquele que recebeu, dê, e depois além de tudo, se isso não lhes fizer bem, também, não lhes causará mal".

— Mas, sim, Chefe, tudo isso lhes fará mal. Eles não vêem a Tropa Escoteira com seus olhos de 12 anos. Tu mesmo envelheceste e não és mais para eles o tipo "formidável". Eles querem outras atividades e tu não lhes podes dar. Tu mesmo, não obstante tôda a sua afei-

ção, tua sensibilidade, tu só os vês como eles eram antigamente.

Mas, dizes, os Pioneiros não dão o exemplo que poderiam dar?

A esta acusação, irmãos Pioneiros, podeis responder? Nem sempre, infelizmente. Muitas vezes, alguns Pioneiros, têm exagerado suas "manifestações exteriores de liberdade", diremos por eufemismo. É certo que esta hostilidade que força o chefe a guardar preciosamente os seus melhores escoteiros mais velhos com êle, desfazendo-se como uma grande condescendência para encaminhar para o Clã de Pioneiros os elementos que não servem, aqueles que o incomodam na Tropa Escoteira.

O Pioneirismo queixa-se de ser desta maneira dificultado e tem razão. Os Pioneiros devem ser não uma honrada classe média e sim uma elite. Depois de ter esboçado êste quadro, enegrecendo-o um pouco, mas bem pouco, procuremos alguns remédios.

* * *

O primeiro de todos, é uma definição geral. Os outros, que dela decorrem, são regras do método prático. Esta definição base, é a seguinte:

"O Pioneirismo faz, de hoje para o futuro, parte do Escotismo, com o mesmo direito de que os dois outros ramos. Êle é o método de educação a aplicar aos componentes do Movimento Escoteiro de mais de 16 anos, como o Lobismo é feito para os meninos de 7 e 10 anos e o escotismo da Tropa Escoteira para os meninos compreendidos entre estes dois estagios. O método do Pioneirismo continua em curso de determinação, mas êle não constitue um "vai de mal a pior", nem um fim em si".

1.^a Consequência — A orientação normal de um rapaz de 16 anos deve ser o Pioneirismo. A sua passagem para o Clã deve despojá-lo do que o estagio precedente possa ter de pueril, habituá-lo ao convívio dos jovens de sua idade e de lhe permitir afirmar sua personalidade. Mas, em contraposição, deverá ser-lhe lembrado de que uma das melhores meninas de "Servir", no sentido mais profundo da palavra, será o de se consagrar, cada vez que êle possa, aos rapazes mais jovens do que êle (isto não se aplica, bem entendido, aos Pioneiros capazes de bem dirigirem esta pesada tarefa). É o exemplo mais vivo que lhes poderá ser dado, será o do Chefe da Tropa e dos Comissários Escoteiros que se consideram como Pioneiros, tendo escolhido por atividade, a vocação de Chefes Escoteiros, depois de terem ouvido o apelo do Alto.

2.^a Consequência — O Chefe da Tropa Escoteira deve considerar o Clã de Pioneiros como

um meio que lhe permite melhorar e de entrar em contáto com a vida de uma maneira precisa e concreta.

Um Chefe que não vive senão com sua Tropa Escoteira, gasta-se e desequilibra-se. O Clã de Pioneiros fornece-lhe a oportunidade de se enriquecer espiritual, moral e intelectualmente, de sentir que êle é um homem é para êle uma alegria e não um fardo. Sua missão é uma missa sagrada, mas o fato dêle se inclinar para os jovens, não o deve isolar do mundo. Se êle se deixa arrastar pela exclusividade, comete uma falta, pois arrisca-se a não ser, para os que lhe são confiados, uma força conciente e equilibrada.

Na prática, o objetivo final é o seguinte — Compreensão e utilização do Pioneirismo pelos Chefes Escoteiros. Do lado da Tropa Escoteira:

a) Pela passagem, durante um certo tempo e na medida do possível, de todo o futuro chefe num Clã de Pioneiros. Os Comissários Escoteiros deverão velar para que os Chefes das Tropas Escoteiras não "escondam" os rapazes de mais de 16 anos, cujo afastamento da Tropa Escoteira lhes pareça necessário.

b) Pela abaixamento das idades dos Monitores; o entusiasmo geral da Tropa Escoteira será incentivado e com êle os princípios de Baden Powell serão respeitados.

c) Pela redução dos efetivos das Tropas Escoteiras demasiadamente numerosas. Os Chefes das Tropas Escoteiras, tendo Monitores mais jovens, poderão formá-los por mais tempo, sem serem sobrecarregados com os grandes efetivos.

d) Por um melhoramento geral da técnica escoteira.

De lado do Clã de Pioneiros:

e) Por uma conformidade mais estreita de vistas com a Tropa Escoteira de uma mais estreita observação das regras do Movimento Escoteiro.

f) Por um cuidado de avivar e de aperfeiçoar as vocações de chefes escoteiros que poderão se revelar no seio do Clã e pela vontade de fazer compreender a certos Pioneiros que eles têm, perante os escoteiros, em geral, uma missão a cumprirem.

g) Por uma ajuda material, ocasional ou temporaria, dada à Tropa Escoteira, permitindo ao Chefe da Tropa e seus auxiliares consagrarem-se mais particularmente à sua tarefa de educadores.

Em vez de dar o encargo de tesouraria ou de almoxarifado do material da Tropa Escoteira a auxiliar, que não terá senão isso a fazer, ficando o resto do tempo a se aborrecer e a perder seu tempo, passar êsse rapaz, francamente, para o Clã de Pioneiros e

fazer dêsse trabalho na Tropa Escoteira uma ocasião de prestar seu serviço, em vez de fazer disso uma aperência de ocupação.

h) Por um acolhimento, sempre fraterno, feito pelo Crã de Pioneiros aos que, por sua tarefa de Chefes, não podem ter com o Pioneismo, senão contatos muito espaçados.

Amadurecido por sua passagem no Clã de Pioneiros, o jovem Chefe compreenderá bem melhor a responsabilidade de seu trabalho, ficará melhor armado para a luta pela vida e do nome dos Chefes, assim como seu valor geral não poderá senão ser melhorado, para maior bem dos rapazes que Deus nos confia.



PARA LOBINHOS

A melhor caçada

Aqui está uma história do tempo em que o Irmão Cinzento era ainda lobinho.

Uma bela manhã, o pai Lobo levantou-se, saiu do seu leito e aspirou o ar matinal; tôda a selva estremecia e cantava na luz que nascia.

"Rrah! — uivou o pai Lobo, alegremente — hoje haverá caça com abundância em tôda a selva! Meus filhos, e caça será fácil, e por isso cada um caçará para si e o infeliz que não conseguir arranjar presa, fique com o estômago vazio!"

Pai Lobo sabia bem que é necessário ensinar os lobinhos a abastecerem-se a si próprios nos belos dias em que a selva está cheia de animais isto é, quando o tempo está tão bom que tudo o que tem patas ou penas sai do ninho ou do covil, evitando-se assim as batalhas, por abundarem as presas.

O Irmão Cinzento arripiou os seus pelos e rolou-se na erva espessa; sentia-se bem alerta, os seus músculos eram de aço, seu olhar vivo, suas garras sólidas. Iria fazer uma bela caçada.

A primeira presa que lhe apareceu foi o pobre chuchindra; o animalzinho, com o coração despedaçado de dor, estava banhado em lágrimas.

— "Chuchindra, — disse o lobinho com desprezo — quando o sol tiver devorado a humidade da selva, quando o leito da Waigunga estiver tão seco como o rochedo do conselho, todo o povo da selva poderá ainda matar a sede com a água que sai dos teus olhos!"

— "Não granges, lobinho — gemeu o rato almiscarado, — Tabaqui, o chacal, raptou o meu filho mais velho, o meu Tahí, tão belo, tão forte, tão alegre e tão valente!"

— "Oh! pensou o lobinho — se é alegre, como pode êle ser filho de Chuchindra?!" — mas absteve-se de o dizer porque a dôr do pai metia dó.



— "O Lobo" — replicou o animalzinho, suplicante, — se eu pudesse dar a minha vida para salvar a do meu querido filho, eu o daria de boa vontade, mesmo com alegria, mas Tabaqui faria de mim a sua cria depois de ter devorado o meu filho; ó lobo, como pode um pobre rato, como eu, combater com um chacal-..."

— "Eh! pensas, — respondeu o lobinho Cinzento, com rudeza, — pensas que um chacal seja adversário digno para um lobo? Há na selva outra caça mais digna de mim já perdi tempo demais contigo..."

Voltou as costas e foi-se: mas Chuchindra tinha começado a chorar de tal modo que até partia a alma; o lobo ouviu-o e parou; começar o dia por uma boa ação, pareceu-lhe bem; voltou atrás.

— "Leva-me junto do teu covil — gritou-lhe — e se Tabaqui ainda não tiver devorado o teu filho, eu to trarei, de contrário terás para adaptar a tua casa a pele do chacal.

Procurou Tabaqui num bom bocado sem o encontrar: encontrou-o, por fim, quando êle já se preparava para comer o pobre ratinho.

— "Chacal! — gritou-lhe — prometi a Chuchindra que lhe levaria a tua pele ou o filho dele: escolhe!"

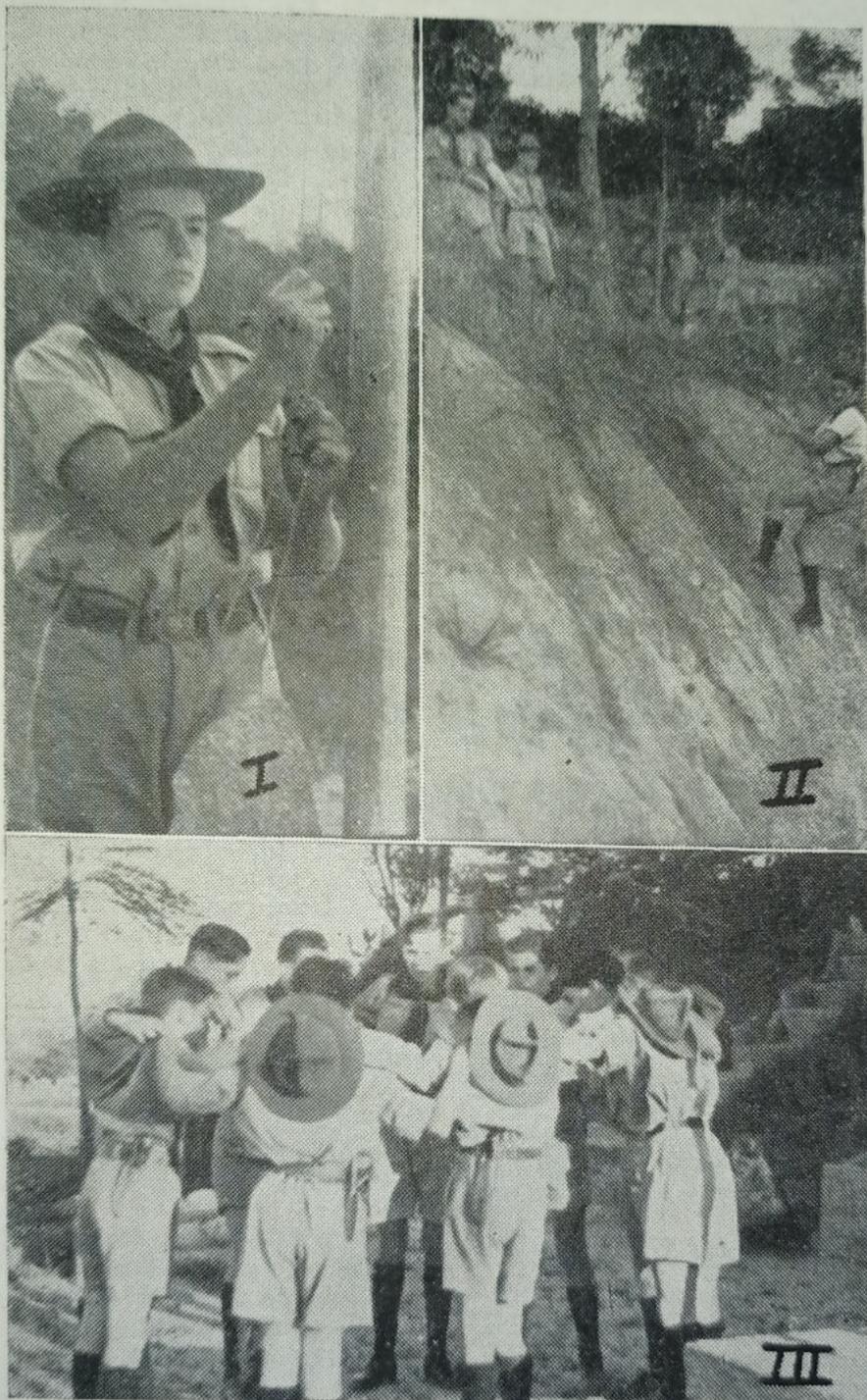
Tabaqui começou a tremer, cobardemente, e deixou o animalzinho que desapareceu, imediatamente, no meio das ervas.

— "Deixarei ir o rato — disse o Chacal, — mas que comerei hoje?"

— "Chil te deixará os restos de algum cadáver, — dizes o lobo com desprezo, — a carne morta não morde nem arranha, é isso o que serve para os cobardes da tua raça, ó tu que só atacas os mais pequenos".

— "Chil, agora não deixa restos do que encontra pois tem de alimentar uma nova ninhada" — replicou humildemente Tabaqui.

Região Escoteira do Rio Grande do Sul



A Associação dos Escoteiros de **SOGIPA** — Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul — dando cumprimento ao programa organizado para o corrente ano, realizou um acampamento, no mês de abril último, nas proximidades do Morro da Sapucaia que teve a duração de cinco dias.

Publicamos diversos fotos dessa atividade escoteira. **I — O hasteamento da Bandeira.** **II — Exercício de aplicação do cabo Escoteiro.** **III — Um número de canto.**

Numa demonstração de bom escotismo, essa Associação vem publicando, também, o jornalzinho "**Grito dos Caetés**", de tiragem interna, cujo número de abril foi impresso de forma melhorada em homenagem à Semana Escoteira.

— “Faz como os outros habitantes da selva, — respondeu o lobo, — ela é generosa para aqueles que caçam com lealdade”.

Irmão Cinzento apressou-se para recuperar o tempo perdido. Imediatamente uma voz vinha do alto o chamou.

Era Chil, o abutre, que voava em círculo à volta do cadáver dum antílope em putrefacção, afastando, às bicadas, os carnívoros, atraídos pelo cheiro.

— “Lobo! — gritou-lhe êle — eu encontrei o suficiente para alimentar a minha ninhada por três dias, mas enquanto me afasto para levar ao ninho um pouco de carne aos meus pequenos, estes ladrões assaltam a minha presa e quando eu voltar não encontrarei senão os ossos; corre, por favor, a minha casa e avisa a minha mulher para que venha em meu auxílio”.

— “Bem! — pensou o pobre lobinho — estou a ver que não consigo caçar hoje coisa alguma!”

Mas nem sequer um momento lhe veio à idéia recusar e tendo-se desempenhado da sua missão, começou a seguir com ardor uma pista que acabava de descobrir; chegado junto de um bosque espesso arrebitou as orelhas; um miar rouco e choroso, chegou até êle: avançando com precaução, descobriu Baghera a pantera, a qual ofegava, deitada sobre um dos lados.

— “Como pode ser que num dia em que toda a selva anda à caça, Baghera esteja esdendrada a gemer?” — disse o lobo.

— “Está um sol ardentíssimo — disse debilmente, — a pantera — que terei eu feito para me sentir tão abatida? Daria todas as presas por uma gotinha de água fresca”.

Imediatamente o Irmão Cinzento arrancou um grosso bocado de musgo seco, correu a umedecê-lo na água que as últimas chuvadas tinham deixado nos buracos dum rochedo e trouxe-a em seguida à pantera, o focinho de Baghera mergulhou ávidamente na esponja molhada.

— “Sinto-me renascer, lobinho: que a bênção da selva seja sobre o teu covil e que a caça seja boa para ti durante todo o inverno”.

Irmão Cinzento afastou-se, mas estava destinado que não caçaria nesse dia: teve de meter no devido caminho Riki-tiá-tavi que se tinha aventurado no coração da selva perseguindo uma serpente; retirou das garras de Baloo um grosso espinho que se lhe tinha enterrado na sua espessa peliça e, enfim, tendo ouvido Kaa assobiar e praguejar, apercebeu-se de que um bando de Bandar-Log bombardeava com nozes de côco a grande serpente, mólenmente enrolada sobre uns rochedos úmidos; Kaa digerira, e como as suas lentas digestões lhe tiravam a sua agilidade, ela não sabia se-

não balançar para a esquerda e para a direita a sua cabeça chata, assobiando furiosamente sem mesmo poder fixar, com o seu fascinador olhar, os ágéis animais que se deslocavam rapidamente ao abrigo da folhagem.

— “Kaa! — disse o lobinho — tem paciência por um pouco, porque eu vou desembaraçar-te desta raça maldita”.

— “Se o conseguir, — resmungou o grande piton — eu te terei na conta do lobo mais arisado e maior benfeitor de toda a selva”.

Irmão Cinzento começou a interpelar e provocar os bandar-log.

— “Então a raça dos macacos — chasqueou êle — perdeu o pouco que lhe restava de juízo, ou há festa entre eles para prodigalizarem assim com tanta largueza os bens da selva? Quando tivesse despojado os coqueiros dos seus frutos, comereis cascas de árvores, não é verdade? Concordo que isso seria, na verdade, uma comida digna de seres tão inúteis e maus como vós”.

Imediatamente todo o grupo da cabeça leve se esqueceu de Kaa.

— “Nós te partiremos os dentes, ó belolador” — gritaram. E todos, com grande gritaria e agitação, começaram a saltar de ramo em ramo para perseguir o lobo que, rindo nas suas barbas, os levou para longe; e começou a correr porque o sol já declinava; já era tempo de voltar para o seu covil.

Irmão Cinzento morria de fome; sentia-se fraco e sabia que nenhuma parte lhe estaria reservada no jantar; não devia cada um caçar para si, nesse dia? — e todavia sentia-se alegre e bem disposto.

Entretanto, encontrou o Pai Lobo e todos os seus irmãos; para todos a caçada tinha sido magnífica.

— “Irmão Cinzento, — disse o Pai Lobo — onde está a tua presa?”

— “Não tenho, meu Pai, — disse êle altivamente — a selva não foi boa para mim; também não reclamo para mim nada de jantar”.

Pai Lobo levantou-se sobre as suas patas:

“Arrh!! — disse êle com voz profunda — a selva hoje não foi boa para o Irmão Cinzento, mas o Irmão Cinzento foi bom para com a selva. Eu vi Baghera e vi Baloo; vi Chuchindra, cujas lágrimas, por milagre, estavam estancadas; vi Kaa; também encontrei Riki-Tiki-Tavi, o mangusto, e vi Chil, o abutre; todos eles cantavam louvores ao Irmão Cinzento. Na verdade, meus filhos, quem fez a melhor caça.”

— “O Irmão Cinzento! — gritaram todos os lobinhos em coro — e por isso êle merece a melhor parte”.

E todos, num só movimento, empurraram a sua presa para o seu irmão.

(Do “Akela” — Lisboa — Portugal).

Jamboree de Salzburgo (Áustria)

O EMBLEMA DO "JAMBOREE"

A gravura que ilustra estas colunas representa o emblema do VII "Jamboree" Mundial que será usado por todos escoteiros que foram a Bad Ischl. É da autoria do E. C. Alfredo Richter, apreciado pintor austríaco, e mostra-nos, uma flôr de lis ligada a um tambor de boca, antigo instrumento musical da Áustria.

A título de curiosidade, diremos que o tambor de bôca, também denominado ferro vibrador, é um instrumento primitivo e consiste numa mola de aço que se põe em movimento com os dedos, a qual está entalada numa pequena placa de ferro com o feitiço de uma ferradura, que se segura com os dentes. As melodias tocadas com este instrumento têm um acento de uma melancolia invulgar.

O tambor de bôca está quase posto de parte na Áustria, conquanto seja exportado em grandes quantidades para o estrangeiro, onde, pode dizer-se, é mais usado que no país de origem, no qual só raramente se ouve tanger pelos vales dos Alpes.

A REGIÃO DO "JAMBOREE"

Salzkammergut, onde se vai realizar o "Jamboree", é uma das mais belas regiões da Áustria. Rodeando lagos maravilhosos, erguem-se numerosas montanhas que emprestam aos panoramas um encanto verdadeiramente paradisíaco.

O acampamento realizar-se-á num campo de golfe a 550 metros de altitude, em Bad Ischl, antiga residência imperial de verão, que está no meio de montanhas com bosques frondosos, donde se organizam excursões nas montanhas, românticos passeios em barcos, digressões de lago em lago, etc., etc.

Salzkammergut é considerada como uma das mais lindas regiões de toda a Europa.

ALOJAMENTOS PARA OS VISITANTES

Destinados aos visitantes do "Jamboree", tais como pais e amigos dos escoteiros, lobinhos, etc., estão sendo preparados alojamentos que oferecerão magníficas condições de comodidade e economia. Para êsse efeito, se-

rão postas à disposição dos escoteiros algumas escolas na cidade de Salzburgo.

O PROGRAMA DO "JAMBOREE"

O "Jamboree" será inaugurado na tarde do dia 3 de agosto e o programa apresenta ainda algumas disposições de certa envergadura. Ei-las:

Dia 4 — Dia destinado a visitas.

Dia 5 — Dia para visitas, serviços religiosos e reunião das Associações Cristãs da Mocidade.

Dia 6 — Recepção dos chefes das delegações pelo governo federal. A noite realizar-se o primeiro grande fogo de conselho, só com a presença dos escoteiros e dos representantes do governo federal.

Dia 8 — Começo do concurso de construção de pontes.

Dia 9 — Reunião Gilwell.

Dia 11 — Dia para visitas, grande fogo de conselho com a presença do público.

Dia 12 — Dia para visitas e serviços religiosos.

Dia 13 — Festa de encerramento.

Também haverá na arena do campo exibições de escoteiros dos diversos países. Além disso uma conhecida orquestra austríaca dará um concerto e é possível que os Pequenos Cantores de Viena dêem também a sua colaboração.

O número mais importante da festa de abertura será a construção de sete torres por um grupo austríaco de cada um dos sete subcampos. As torres serão dispostas em ziguezague e ligadas entre si por pontes de corda com o comprimento de 4 metros. Cada uma simbolizará um dos sete "Jamborees" realizados. O Jamboree de 1951 será solenemente aberto na sétima torre.

SERVIÇOS RELIGIOSOS

Para os dois domingos estão previstos serviços religiosos para os membros das confissões cristãs católica e evangélica, assim como



para os membros de outras religiões nos dias em que estes o desejarem.

UM FILME DO ACAMPAMENTO

Deste "Jamboree" será feita uma completa reportagem cinematográfica.

DELEGAÇÃO BRASILEIRA

O Brasil se fará representar nessa atividade mundial com a seguinte delegação:

Delegado da U.E.B.:

Chefe Nelson Ferrari Oliveira.

Chefe da Tropa:

George Ducan Schellard.

Sub-Chefe da Tropa:

Chefe Nelson Hey.

Escoteiros:

Haroldo Mcken.

Antônio Carlos Paret.

Ronney Scott.

Roberto Rocha Ferreira.

Glen Langdon.

Bernet Dybwab.

Peter Bina.

Calvin Reed.



No Catete os Escoteiros do Paraná

Mensagem do Governador Munhoz da Rocha ao Exmo. Sr. Presidente do República

"Na oportunidade que me é oferecida pela visita dos escoteiros do Paraná a seus colegas do Rio de Janeiro, envio a V. Excia. minha mensagem de paz, concórdia e união fraterna de todos os brasileiros de boa vontade, cuja concretização podendo ver simbolizada na idéia vitoriosa dos escoteiros do Brasil. Respeitosas saudações. (a.) **Munhoz da Rocha**, Governador do Estado".

Saudação do Professor Melo e Souza Presidente da U.E.B. ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas

"Sr. Presidente! Cabe-me a subida honra de apresentar a V. Excia. estes jovens patrícios nossos, que formam em conjunto, duas tropas de briosos escoteiros filhos da formosa terra paranaense, e que realizarã uma excursão à Capital da República desejosos de conhecer esta grande cidade e os irmãos escoteiros que aqui morejam.

Sem dúvida, o ponto mais alto do programa elaborado para esta viagem consiste na visita que ora fazem a V. Excia., a quem desejam prestar homenagem de sincera e respeitosa estima vindo em V. Excia., como vemos nós, seus dirigentes, não somente o Chefe de Estado, mas, também, um chefe que nos é particularmente querido, porquanto se dignou aceitar a insignia escoteira do Tapir de Prata, a mais elevada honraria com que podemos testemunhar nossa gratidão para com os grandes benfeitores do Escotismo no Brasil.

Aqui vindo ter S. Presidente, dois objetivos de máxima importância visam estes moços, li-

dimos representantes do que de melhor possui a juventude brasileira. O primeiro será o de saudar, com tôda a efusão de suas almas juvenis, ao eminente brasileiro a quem a Nação reconduziu na suprema direção de seus destinos. Creia V. Excia. que o bondoso acolhimento que lhes proporciona o aperto da mão com que os vai honrar, e as palavras de estímulo que lhes vai ridigir, tudo isso constituirá para êles um título de orgulho, uma recordação, que lhes há de trazer. Doravante, a mais salutar influência moral, um acontecimento a partir do qual com nas hégiras históricas, se contam, para diante, ou para traz, ou depois episódios da vida rotineira. Daqui a muitos anos cada um deles, já em plena maturidade de espírito dirá aos pequeninos que os ouvirem, aquelas palavras evocativas do velho timbira de Gonçalves Dais: "Meninos eu vi". Sim! Eu vi o Presidente Getúlio Vargas, em seu gabinete de trabalho, interromper o trato com os graves problemas pendentes de sua decisão para receber nossa modesta visita e nossa saudação escoteira, num gesto de paterna bondade que para sempre conquistou nossos corações".

O segundo objetivo consiste em demonstrar a V. Excia. que os escoteiros do Brasil estão sempre alerta para bem servir — o melhor possível — e que, apesar das seduções dissolventes que atraem a mocidade nos tempos em que vivemos, ainda há, mercê de Deus, muitos jovens brasileiros que sabem evitar as perversões do vício, da ociosidade frívola, o pendor para a indisciplina e a turbulência tendenciosa, procurando nortear dignamente para o bom



No dia 16 de Julho, a delegação de escoteiros do Estado do Paraná, foi recebida pelo Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, tendo, nessa ocasião, o Chefe Alceu Nascimento, feito entrega da mensagem do Sr. Governador Munhoz da Rocha que lhe enviou por intermédio dos escoteiros paranaenses. No cliché, um aspecto da visita, vendo o Presidente da U.E.B., professor J. B. de Melo e Souza, fazendo as devidas apresentações.

caminho, os seus ideais e sua estuante energia de moços e de patriotas.

Aqui se acham, Sr. Presidente, apenas vinte e um; mas representam uma legião, para usar a imagem da Escritura, ou, precisamente, vinte e cinco mil pois tantos são os nossos patriotas que se consagram ao Escotismo em todo os Estados e Territórios nas cidades populosas como nos mais remotos rincões desta grande Pátria. É escasso ainda consideramos esse número: permita V. Excia. manifestemos nosso desejo e nossa esperança de que, continuando V. Excia. a dispensar-nos sua valiosa proteção, tenhamos a ventura de vêr decuplicado o nosso contingente humano como se faz mister.

E agora, principalmente, torna-se oportuno manifestar esse nosso ardente desejo e que tanto nos pode valer na campanha por sua realização, visto que, ao cabo de longos e árduos esforços, conseguimos, graças ao voto unânime da última Assembléia Nacional Escoteira, efetivar a unificação do movimento escoteiro no Brasil, fundindo as antigas associações locais, que viviam e agiam isoladamente,

sem coesão e sem solidariedade, numa só instituição de âmbito nacional, a União dos Escoteiros do Brasil, conciente de suas responsabilidades e animada do sincero propósito de colaborar com a Escola, a Família e a Igreja, na obra da formação moral, intelectual e cívica da juventude.

Queira pois Sr. Presidente, receber, com as nossas, as saudações destes meninos vendo em cada um deles milhares de outros, que vibram pelos mesmos ideais, que seguem o mesmo código de honra, de lealdade, de patriotismo; meninos que seriam felizes se pudessem participar das emoções deste momento, e assistir a esta pequena, mas expressiva solenidade, que para eles equivaleria a um sonho de mil e uma noites. A todos eles irá a notícia fiel do que aqui se passa, bem assim o eco das palavras que V. Excia. dirigirá, como uma bênção de civismo, a todos os Escoteiros do país. E creia V. Excia. na sinceridade de nossa estima, porque, obediente ao primeiro artigo de nossa lei escoteira, "o Escoteiro tem uma só palavra, e sua honra vale mais que a própria vida".



Aos Aspirantes

(De um livro escoteiro, com adaptação do monitor)

L. AVELLEDA

Depois de teres assistido diversas reuniões de teu grupo e teres observado bem a vida das Patrulhas tendo assim uma idéia clara do que seja esta notável organização que é o escotismo, pedirás a teu chefe para que te examine, afim de que possas ingressar na grande família escoteira.

Falarás primeiro da promessa. Os meninos chamam de "juramento", porque na hora solene em que, diante do pavilhão nacional, prometem cumprir os seus deveres para com Deus e a Pátria, o fazem animados do firme propósito de empregarem os seus melhores esforços para serem bons.

Daí, por diante farão tudo para provarem que estão cumprindo o que prometeram. Porque? Porque prometerem pela sua honra! E aqueles que prometem pela honra devem mostrar que têm honra. Nós mesmos é que nos fazemos honrados.

Se prometo pela minha honra, tenho que mos-

trar sempre que sou honrado. E desde que não cumpra o que prometí, para que os outros verifiquem que não tenho honra, que não me prezo, e que não dou valor ao que deve ser sagrado para mim. Se me torno indigno de pertencer ao escotismo, não posso exigir que meus companheiros tenham consideração para comigo.

Por isso, meu irmão aspirante, debes pensar muito sobre os artigos da promessa para que possas avaliar as responsabilidades que sobre ti pesarão, porque ser escoteiro é uma cousa muito séria, que está ao alcance de todos, desde que tenham firme propósito de dar cada dia que passa, um passo no caminho da bem.

Vêm, e verás o que é ser "um por todos e todos por um".

(Transcrito do "Boletim da Associação dos Escoteiros do Círculo Militar) — (Servir — Paraná).

Região Escoteira do Estado do Paraná

Procedente do Estado do Paraná — Curitiba — chegou a esta Capital, no dia 7 de julho, uma delegação de escoteiros das Tropas do Círculo Militar do Paraná e da Águia, sob a direção do Chefe Alceu Nascimento. Na gare Dom Pedro II, às 21,30 horas desse dia, os escoteiros foram recebidos pelo Comissário Nacional — Chefe Gelmirez de Melo, Secretário de Publicidade — Chefe Euripedes da Rosa e Diretor Responsável desta revista — Chefe David de Barros.

Os escoteiros paranaenses seguiram diretamente para a encantadora Ilha da Boa Viagem, onde ficaram alojados e nos dias subsequentes cumpriram o programa determinado, inclusive a entrega da mensagem do Governador Munhoz da Rocha, ao Exmo. Sr. Presidente da República, cuja nota publicamos em outro local.

Antes de regressarem ao Estado do Paraná, realizaram um ótimo fôgo de conselho, juntamente com os escoteiros do Distrito Federal e do Estado do Rio. Estiveram presentes, também, nessa atividade os Chefe José de Araujo Filho, membro do Conselho Nacional, Chefe João Fernandes de Brito, Secretário Geral da U.E.B., representando o Sr. Presidente, Gerente da Cantina Central e Diretor da Editora Escoteira.

No dia 20, às 17,15 horas, com os chefes que seguiram para o 2.º Curso Nacional em Itatiaia, regressou essa delegação ao seu Estado, deixando uma bela impressão do escotismo que praticam. Na esperança de vê-los, outra vez, no ano vindouro na Capital da República, aqui ficam os cumprimentos da "Revista Alerta!".

A Delegação estava assim constituída:

Chefe: — Alceu Nascimento.

" — Leônidas Avelleda.

Associação dos Escoteiros do Círculo Militar do Paraná.

Juarez Arantes.

Polon Urbon.

Edmar Kleinke.

Carlos Batista.

Alberto Reichmann.
João Carlos Lichiski.
Ayrton Hey.
Pedro Menzel.
Abelardo Persek.

Tropa da Águia:

Manoel Muzzilo.
Carlos Stelffeld.
Fernando Dias.
José Pinto Dias.
Heron Arzua.
Agostinho Menezes.
Helio Gomes.
Faiez Kalluf.
Rames Kaluff.
Manoel Fernando Amorim.



Pergunte o que quiser!

Esta nova seção da Revista "Alerta!" está aberta a todos: dos Lobinhos aos Comissários, passando pelos Escoteiros, Seniores e Pioneiros de qualquer classe e graduação e, também, pelos Chefes de tôdas as categorias.

Pergunte o que quiser! E' sem dúvida um convite amplo para perguntas de todos os tipos e sobre todos os assuntos... ligados ao Escotismo. Talvez mesmo mais que isto — chega a ser um desafio!

Qualquer dúvida de caráter administrativo ou técnico, terá aqui pronta e segura resposta.

Naturalmente o leitor estará agora perguntando a si mesmo: quem será capaz de responder realmente a qualquer pergunta sobre escotismo?

Psiiu! Segrêdo! Não divulgamos o nome dessa Patrulha (porque é uma patrulha), encarregada de responder às cartas da seção.

Pergunte o que quiser!

Melhor Escotismo

(Boletim n.º 6 do Conselho Inter-Americano de Escotismo)

I — A NECESSIDADE DO ESCOTISMO

1) UM COMPLEMENTO À ESCOLA:

Êle oferece treinamento, prático em responsabilidade e auto-educação, que não podem ser proporcionados pelas Escolas devido ao elevado número de alunos e a seu rígido programa curricular.

2) UMA ATIVIDADE VOLUNTÁRIA:

No mundo atual onde tudo é organizado e obrigatório é necessário aos jovens empregarem seu tempo livre em uma atividade de sua livre escolha.

3) VIDA AO AR LIVRE:

Os meninos sentem verdadeira atração pela vida ao ar livre tanto quanto pela existência perigosa dos pioneiros e aventureiros. A concentração e crescente da vida das cidades, em edifícios fechados, torna-se necessária a existência de uma válvula de escapamento para aquele verdadeiro instinto, e assim atender à natureza juvenil. O Escotismo pode constituir uma poderosa atração compensando a passividade do rádio e do cinema.

4) CÓDIGO DE CONDUTA:

Cada vez mais são esquecidos os mandamentos da Lei de Deus que são substituídos pela doença do materialismo. Nossa Lei e Promessa dão um novo atrativo a êsses mandamentos. Esperamos que êles sirvam de primeiros degraus, conduzindo à realização de nosso DEVER PARA COM DEUS.

Passamos a transcrever alguns trechos escritos por B. P. em apóio desses pontos. A maior parte deles é de ESCOTISMO PARA JOVENS. Outras são do GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO. Não fazemos referência às páginas porque elas dependem da edição ou tradução. Não é difícil localizá-las e, por outro lado, procurando-as o leitor poderá encontrar outras passagens interessantes relativas ao assunto.

(1) O Escotismo tem sido apresentado por mais de um de seus entusiastas como uma re-

volução em matéria de educação. Não é assim! Êle na realidade é uma sugestão para uma alegre aventura ao ar livre, que provou ser, um auxiliar prático à educação. Pode-se assim afirmar que êle é um complemento à escola e capaz de preencher certas lacunas inevitáveis do programa escolar. Sintetizando, êle, é uma escola de civismo através, o conhecimento das cousas da natureza e da vida ao ar livre.

* * *

Entretanto é verdade que seus objetivos conduzem a diferentes pontos que não podem ser atingidos pelo programa curricular escolar. Êle se propõe a ensinar os meninos, não simplesmente à "como ganhar a vida" mas realmente "à viverem!" E' perigoso incutir no indivíduo o interesse por prêmios, títulos e a ambição do poder, posses ou recursos, sem interessá-lo, simultaneamente, no amôr e serviço do próximo.

(2) AUTO-EDUCAÇÃO significa aquilo que o menino aprenderá por si próprio e que nunca esquecerá e que o guiará em sua vida futura, muito mais que qualquer cousa ensinada em aula por um professor.

A promessa que um Escoteiro faz ao ingressar no Movimento diz em primeiro lugar: "Cumprir meu dever para com Deus". Observa que não é "ser leal à Deus", pois isso significará, apenas, um estado de espírito passivo, e o que nós queremos é que o menino FAÇA, alguma cousa, ativa e positiva. Êsse é o método geral do Escotismo; proporcionar de qualquer forma um treinamento ativo e construtivo e não simplesmente incutir nos jovens preceitos de passividade e regras do que não se deve fazer". Sabemos que os meninos estão sempre prontos para fazer alguma cousa e não para digerir regras. Por isso mesmo incluímos em nossas atividades a prática das Bôas Ações, a serem realizadas na vida diária, como um início da futura bôa vontade em ajudar ao próximo. A base religiosa que existe na cooperação humana é comum a todos os credos e religiões e por isso mesmo não estamos indo de encon-

tro a nenhuma delas. O menino pode assim constatar que fez parte de seu "dever para com Deus", zelar e desenvolver os bens e dons que Deus lhe concedeu na vida; que seu corpo, sua saúde, sua força, virilidade e poder procreador são dotes divinos, que devem ser usados a serviço de Deus; que seu cérebro (com as maravilhas da inteligência, memória e discernimento) que o coloca acima do mundo animal; que a alma, centelha divina que é dentro de si, representam Bondade e Amor! E, assim, nós ensinaremos que para cumprir seus deveres para com Deus (e não simplesmente impôr a Sua benevolência) o menino deve procurar fazer Sua vontade, praticando o amor do próximo.

A Lei Escoteira é o alicerce em que repousa todo o conjunto do treinamento Escoteiro.

(3) A base é o espírito do movimento. A chave dêsse espírito é o romantismo e a aventura da vida ao ar livre. Existirá por acaso algum jovem, mesmo nestes tempos materialistas, que não se sinta atraído pela Natureza e pela vida ao ar livre? Isto talvez seja um instinto primitivo mas real e com essa chave pode ser aberta uma grande porta por onde entrará a luz do sol e uma rajada de ar fresco em vidas, de outra forma apagadas e obscuras.

Mas geralmente é possível fazer mais que isto! Os heróis das florestas, a polícia montada, os exploradores, os grandes descobridores, os marinheiros e os aeronautas são a atração dos meninos. Suas aventuras e façanhas são imitadas e seus exemplos de heroísmo, coragem viril, sacrifício pelo próximo e nobresa provocam reações prontas e elevadas. É isto que o menino aprecia e nisto que é encontra Alma. E realmente existe alma em tudo isto!

(4) Ao ser investido como Escoteiro, o rapaz faz sua promessa diante de toda a Tropa. É uma Promessa séria e difícil de ser mantida; ninguém será um verdadeiro Escoteiro se não fizer o seu melhor possível para cumprir sua Promessa. Todas as promessas são importantes e devem ser cumpridas, mas a que é feita pela Honra é a mais importante e é preferível a morte a faltar-se à ela. O Escotismo, portanto, não é somente um passatempo alegre e divertido, mas, também, algo que exige muito dos jovens. Estou porém convencido de que se pode confiar nos meninos e de que eles tudo farão para cumprir sua Promessa Escoteira.

II — COMO ATUA O ESCOTISMO

(1) A UNIDADE é um pequeno grupo de meninos com a responsabilidade de si próprios. (Oportunamente explicaremos a diferença de aplicação aos Lobinhos).

(2) Damos grande importância à PERSONALIDADE individual do menino; é considerado como "um qualquer entre tantos outros".

(3) Éle recebe INCENTIVO e distintivos que o estimulam a experimentar suas próprias habilidades e desenvolvê-las; por meio de competições entre as unidades estimulamos a eficiência coletiva.

(4) Sua INVESTIDURA e outras cerimônias dão solenidade e dignidade ao desenvolvimento do rapaz e reforçam seu espírito associativo (Alcateia, ou Patrulha e Tropa) tanto como sua própria individualidade.

(5) Suas atividades são ALEGRES E DIVERTIDAS; é essencial que o menino encontre prazer na prática do seu Escotismo; daí a importância que damos às atividades ao ar livre, explorações, jogos, acampamentos, etc.

(6) Tudo isso é orientado no sentido do SERVIÇO À COMUNIDADE, que começa em casa e com os vizinhos, por, meio de boas ações e outras formas de prestimos.

Assim surge o Cidadão na Comunidade Nacional.

(7) Tudo isto tem, também, um ALCANCE MUITO MAIOR reunindo as entidades escoteiras de todos os países do mundo, num único MOVIMENTO.

(Continúa)



Legislação

Regimento Interno da Editora Escoteira, previsto no artigo 126 dos Estatutos da União dos Escoteiros do Brasil. Aprovado pela Diretoria Nacional.

CAPÍTULO I

PRELIMINAR

Artigo 1.º — Os serviços referentes à Editora Escoteira, reger-se-ão pelo presente regimento.

CAPÍTULO II

DO DIRETOR

Artigo 2.º — Ao Diretor da Editora Escoteira, além das disposições estatutárias, compete:

a) programar, anualmente, a publicação das obras escoteiras a serem editadas pela Editora Escoteira, de acôrdo com o aprovado pela Diretoria Nacional da U.E.B. e os meios financeiros que dispuzer;

b) acompanhar a feitura das obras escoteiras a serem publicadas, até à sua conclusão;

c) fornecer orçamentos para as publicações que a U.E.B., Regiões ou interessados queiram fazer por intermédio da Editora Escoteira, com a aprovação da Diretoria Nacional da U.E.B.;

d) estipular os preços de venda para as obras escoteiras publicadas, sempre os mais módicos possíveis, determinando as comissões ou abatimentos a serem concedidos às Cantinas Escoteiras, Regiões Escoteiras, livrarias, revendedores, etc.;

e) nomear auxiliares que julgar necessários, fixando-lhes as respectivas remunerações;

f) organizar por si ou por outrem, sob sua responsabilidade, a escrituração comercial da Editora Escoteira;

g) depositar em banco de sua livre escolha e na forma que achar mais conveniente, tôdas as quantias superiores a cinco mil cruzeiros (Cr\$ 5.000,00);

h) fornecer as requisições das obras escoteiras de sua edição feitas pela Diretoria Nacional ou das pessoas por ela autorizadas para esse fim;

i) colocar à venda, em consignação ou não, nas Cantinas Escoteiras, e nas livrarias as obras escoteiras de sua edição;

j) promover da forma que achar mais con-

veniente a propaganda da Editora Escoteira e das obras escoteiras por ela publicadas;

l) publicar na revista "Alerta!", listas bibliográficas das obras escoteiras;

m) auxiliar o Secretário de Publicidade e a revista "Alerta!", em cuja direção deve ter atuação, sempre que possível no cargo de Diretor ou Gerente;

n) manter em dia e em boa ordem o arquivo da Editora Escoteira.

CAPÍTULO III

DOS AUXILIARES

Artigo 3.º — Aos auxiliares da Editora Escoteira, compete-lhes executarem as tarefas e trabalhos designados pelo seu Diretor.

Artigo 4.º — Os cargos remunerados da Editora Escoteira serão, de preferência, ocupados por escoteiros em idade de trabalho, na conformidade da legislação trabalhista em vigor.

CAPÍTULO IV

DA PROMOÇÃO E PROPOSTA PARA PUBLICAÇÃO DE OBRAS ESCOTEIRAS

Artigo 5.º — Além das iniciativas previstas nas letras o do artigo 39 e g do artigo 48, dos Estatutos da U.E.B., compete, também, ao Diretor da Editora Escoteira propor à Diretoria Nacional a publicação das obras escoteiras.

Artigo 6.º — A proposta para a publicação de novas obras escoteiras, deverá obedecer aos seguintes trâmites:

a) quando a iniciativa ou proposta fôr, respectivamente, da Diretoria Nacional e Comissário Nacional, os documentos e originais serão remetidos, já com o parecer do Comissariado Técnico Nacional à Editora Escoteira, para que esta dê seu parecer sobre a parte comercial dessas edições, para aprovação final da Diretoria Nacional;

b) quando a iniciativa ou proposta fôr da Editora Escoteira, esta remeterá os documentos e originais, com seu parecer, diretamente ao Comissariado Técnico Nacional, para dar seu parecer e encaminhar à Diretoria Nacional para decisão final;

c) quando a iniciativa fôr de particular, os documentos e originais deverão ser apresentados ao Commissariado Técnico Nacional, que obedecerá aos trâmites da letra a dêste artigo.

ções escoteiras, serão pedidos diretamente à editora.

CAPÍTULO V

DOS AUTORES E TRADUTORES

Artigo 7.º — Os direitos autorais serão pagos, por cada edição, na forma assentada pela Editora Escoteira ou concedido 5% em livros sôbre a edição.

Artigo 8.º — Os trabalhos de tradução serão pagos na forma assentada pela Editora Escoteira ou concedidos 2% em livros sôbre a edição.

CAPÍTULO VI

DOS REGISTROS

Artigo 9.º — Os registros das revistas, jornais, boletins, etc., editados pelas organiza-

CAPÍTULO VII

DAS EDIÇÕES

Artigo 10.º — A Editora Escoteira publicará, sómente, os folhetos ou opúsculos de real interêsse para o movimento escoteiro, que tenham a sua venda garantida.

Artigo 11.º — Os folhetos e opúsculos de propaganda, serão custeados pela U.E.B. ou entidades que os desejem publicar, devendo, nêsse caso, obedecer, apenas, a padronização estabelecida em lei.

Artigo 12.º — As edições serão efetuadas tendo em vista as seguintes disposições:

- a) seu interêsse geral;
- b) seu interêsse exclusivo;
- c) último censo escoteiro.

S
O
R
R
I
S
O

E
S
C
O
T
E
I
R
O



A
R
M
A

D
O
S

E
S
C
O
T
E
I
R
O
S

“Kim”

(Da Revista “Bandeirantes”)

A história de Rudyard Kipling, Kim, encerra um exemplo vivo para os escoteiros.

Kim, ou melhor, Kimball O'Hara, era filho de um sargento num regimento irlandês, aquartelado na Índia. Seus pais morreram quando êle era criança e deixaram-no aos cuidados de uma tia que vivia modestamente. Seus companheiros eram todos nativos da Índia. Assim pois, pôde aprender a falar as várias línguas e a conhecer os hábitos de vida do povo indú. Tornou-se amigo de um velho sacerdote budista, que vinha percorrendo a Índia, em busca de um rio santo; com êle viajou todo o norte do país.

Finalmente, um dia, teve a sorte de encontrar o regimento ao qual seu pai pertencera. Introduziu-se no acantonamento e foi prêso sob a suspeita de ser ladrão. O registro civil e outros papéis que o identificavam e que trazia sempre consigo, permitiram verificar o engano. Foi adotado pelo regimento e mandado para o colégio interno. Mas sempre que tinha férias, vestia-se com roupas indús e reunia-se aos seus antigos companheiros, como se fôsse realmente um dêles.

Tempos depois, associou-se a um certo Mr. Lurgan, que passava por comerciante de jóias e antiguidades, mas, que além disso, era também membro do serviço secreto. Êsse homem, verificando que Kim tinha grande conhecimento dos hábitos e costumes nativos, julgou que êle poderia vir a ser útil agente do Serviço Secreto. Antes de mais nada precisava saber se êle possuía a fibra e o sangue frio necessários à tarefa. Para provar a capacidade de Kim, procurou hipnotizá-lo, quer dizer, fazer com que os pensamentos de Kim obedecessem aos seus. E' possível, a um homem de cérebro muito bem controlado, subjugar a vontade de um mais fraco.

Lurgan Sahib quebrou um objeto; colocou então o dedo na nuca de Kim e tentou suggestioná-lo para que visse o objeto reconstruído e inteiro. Mr. Lurgan, entretanto falhou, pois o bom senso de Kim não permitiu que acreditasse estar inteiro o objeto, no caso um jarro, que vira ser quebrado. Apesar disso, chegou a ter uma espécie de visão do jarro inteiro, de pé, no chão. Mas fêz um esforço de vontade e a visão sumiu, restando os cacos no chão. Muitos rapazes se deixariam maravilhar

pela visão do jarro e não seriam mais capazes de raciocinar. Tornar-se-iam, então, fácil presa do hipnotizador.

Lurgan Sahib, satisfeito com a primeira prova passou a dar a Kim lições de observação. Essas lições são, também, o ponto mais importante do treinamento de um escoteiro, que deve aprender a praticar a observação a cada hora, onde quer que esteja. Lurgan Sahib iniciou a educação de Kim, mostrando-lhe um taboleiro cheio de pedras preciosas de espécie diferentes. Deixou-o observar durante um minuto e cobriu o taboleiro, pedindo então a Kim para dizer de memória quantas pedras havia e de que qualidade. A princípio, Kim lembrava-se apenas de algumas pedras e não podia descrevê-las exatamente, mas com um pouco de prática, logo tornou-se bom observador. Lurgan Sahib repetiu a manobra com objetos diferentes, muitas vezes, até Kim conseguiu lembrar-se de tudo com exatidão.

Noutra ocasião, quando viajava de trem, Kim encontrou-se com um companheiro de serviço, que ainda não conhecia. Era um indú, que ao entrar no vagão, estava evidentemente muito alarmado com alguma coisa. Apresentava ferimentos nos braços e na cabeça. Explicou aos outros passageiros que havia sofrido um acidente de carro quando se dirigia para a estação, mas Kim, como bom escoteiro, observou que os ferimentos eram penetrantes e não superficiais como seriam, se causados por queda de carro. Enquanto o homem fazia uma atadura na cabeça, Kim notou que usava um distintivo igual ao seu; assim pois, Kim deixou que êle visse também o distintivo que usava. Imediatamente o homem iniciou uma conversa com Kim, usando uma senha secreta que êsse respondeu com palavras adequadas. O estrangeiro, então, manobrou para ficar a sós com Kim e explicou-lhe que era membro do Serviço Secreto e que havia sido descoberto e perseguido por inimigos do govêrno, que quase o haviam matado. Provavelmente sabiam que estava naquele trem e já haviam ter enviado um telegrama para que seus comparsas fôsem esperá-lo na estação. Kim, se perdeu a cabeça, teve a idéia de disfarçá-lo.

Na Índia, há um grande número de piedosos miseráveis que perambulam pelo país. Não usam quasi roupas e besuntam-se com cinzas

e resíduos e pintam certas marcas no rosto. São considerados muito santos e o povo os ajuda, dando-lhes sempre dinheiro e comida. Kim fez uma mistura de farinha e cinzas que tirou do forninho do seu cachimbo e, finalmente, com uma caixa de pintura que trazia sempre, pintou as marcas na testa do homem untou os ferimentos com farinha e cinzas, de modo que pudessem cicatrizar e ao mesmo tempo ocultá-los; escovou o cabelo do homem para baixo afim de dar-lhe aspecto selvagem e hirsuto como o de um pobre miserável. Tão perfeito ficou, que nem sua própria mãe o reconheceria.

Pouco depois, chegaram a uma grande estação, onde na plataforma encontraram um oficial de polícia. O suposto miserável dirigiu-se ao polícia, e esse o repreendeu em inglês. O miserável respondeu-lhe em sua língua nativa, desafortadamente, mas intercalando uma senha. O oficial de justiça, apesar de fingir não entender, reconheceu que aquele miserável era um agente. Prendeu-o pois, por desrespeito à autoridade e conduziu-o ao posto, onde pode conversar com ele calmamente e receber as valiosas informações que trazia. Tudo isto foi feito de tal maneira, que ninguém na estação percebeu que agiam de comum acordo. Os inimigos do agente que o esperavam não o reconheceram.

Finalmente, Kim associou-se a um outro agente do Departamento, um Babú, como são chamados na Índia os de sua seita; ajudou a encurtar as atividades de dois oficiais inimigos que vinham agindo como espíões na fronteira noroeste da Índia. O babú fingiu-se, junto aos oficiais, de administrador das propriedades de um príncipe indú, que não gostava da Inglaterra; viajou com eles por algum tempo nesse disfarce conseguindo descobrir onde guardavam os papéis secretos. Provocou um incidente entre eles e o sacerdote budista, amigo de Kim, que eles maltrataram. Esse fato causou grande indignação entre os nativos da região que saquearam a bagagem e fugiram na escuridão. Kim, que estava entre eles, abriu a bagagem e encontrou os papéis no lugar indicado pelo Babú. Esses papéis prestaram grande serviço ao governo.

Estas e outras aventuras de Kim constituem ótima leitura, porque mostram o valoroso trabalho que um escoteiro pode fazer por seu país, se estiver suficientemente treinado e si for inteligente observador.

(Do "Scouting for boys" de B. P.).

Lista Bibliográfica

A "Editora Escoteira" de conformidade com as suas finalidades, publica a lista e os preços — escudos — das obras escoteiras que estão à venda na redação do "Sempre Pronto" — Travessa Vitorino de Freitas n.º 9, Ajuda — Lisboa, Portugal, para onde devem ser dirigidos os pedidos dos interessados.

EM FRANCÊS:

Tresses et Noeuds décoratifs	15\$00
Les Ports	15\$00
Avantures Africaines, de B.-P. ...	22\$00
Franchis l'obstacle, de B.-P.	22\$00
B.-P., por E. E. Reynolds	21\$00
Jeux d'Eclaireurs, de B.-P.	22\$00
Pout devenir un homme, de B.-P. ..	22\$00
Les 1001 activités de l'éclaireur, de B.-P.	21\$00
Le livre des Eclaireuses, de B.-P. ..	23\$00
Le Guide du Chef Eclaireurs, de B.-P.	16050
Le Manuel du Chief de Patrouille, Hillecourt	25\$00
Santé Education Physique, Sports, Contrôle Médical	4\$00
Eclaireurs, (Tradução francesa do "Scouting for boys")	23\$00
Pistes de Jungle, (caderneta do lobito), muito ilustrada a cores ..	15\$00

ES ESPANHOL:

Rovers, de Gilcraft	20\$00
Lobatos, de Gilcraft	20\$00
Montanismo, Novidade Literária, a esplêndida obra de Enrique Genovés, muito ilustrada	35\$00



ESCOTEIROS!

- Cumpram o artigo 9.º da Lei, depositando suas economias na CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Aventuras Escoteiras

Do "Scout" de França



C H E F E S

Por JUCA PIRAMA.

O movimento escoteiro tem sido, infelizmente, em nosso país, confundido com um divertimento de crianças. Assim como que uma espécie de "Ciranda, cirandinha", onde quem quer brincar entra na roda...

Enquanto que nos países estrangeiros os chefes são recrutados em esferas elevadas, e assim conseguem diplomar-se comerciantes, médicos, professores, lords, generais e até príncipes, nós, com algumas honrosas exceções, ficamos entre os mais ou menos alfabetizados.

A concepção tem sido a de que "Chefe Escoteiro" não precisa ser pedagogo.

E assim, faz-se um sugestivo anúncio interno, abrem-se as inscrições e... a porteira. O resultado é que, num lote de trinta ou quarenta candidatos, os que conseguem assimilar a teoria ministrada com a característica severidade dos cursos de teologia, são quase sempre desestimulados por uma prática sem interesse algum e, às vezes até humilhante.

Tenho um amigo que, fêz parte de uma turma de cerca de 30 alunos e que, vencendo por espírito, todos êsses óbices, chegou até o fim.

O encerramento do Curso constou de uma excursão ao 1.º Batalhão de Caçadores, sediado em Petrópolis. Sairam do Rio na manhã de um domingo em viatura militar, tendo sido recebidos à chegada pelo Comandante e seu Estado Maior. Feitas as apresentações, seguiu-se a visita às vastas dependências do Batalhão e, numa demonstração de hospitalidade que tão bem sabem dar nossas classes armadas, os oficiais superiores encarregaram-se dos dirigentes do Curso e os subalternos dos alunos, a que iam esclarecendo cordialmente tôdas as perguntas que lhes eram feitas.

A visita durou algum tempo e terminou com o toque de — "Preparar para desfilar". Após a magnífico parada, seguiu-se o almôço oferecido aos visitantes.

A êsse tempo, a oficialidade, na sua maioria composta de jovens inteligentes, já havia "auscultado" seus visitantes.

À mesa, colocaram-se, como é da etiqueta, de modo a que cada aluno chefe ficasse entre dois dêles. Quando o garçon trouxe o primeiro prato, o tenente que estava à cabeceira oposta ao comandante, sentenciou: "As visitas, por piores que sejam, têm preferência". E o prato foi passado ao chefe que lhe estava próximo, depois ao outro e, assim, foi feito até onde pôde observar quem me narrou essa história.

Finalizando disse ainda êsse meu amigo: Dêssa "plêidade" sobrei eu. Nunca mais vi nem soube de meus companheiros daquele curso.

Isso foi um fato. Inúmeros casos semelhantes, devem ter acontecido; tantos, talvez, quantos sejam os cursos que já realizamos. E a razão reside exclusivamente na má seleção, ou, melhor, na sua falta absoluta.

Realmente um chefe não precisa nem dever ser um pedagogo. O que é indispensável, porém, é que tenha uma cultura geral suficiente para que possa evoluir e um meio de vida que o permita PROGREDIR.

Nós que até ontem vivemos tão distanciados do escotismo europeu, porque não adotamos fórmulas adequadas para fazer nossos chefes?

Como nos descuidamos tanto dêsse problema capital, que é o organizador, o dirigente, o técnico, enfim?

Um chefe não pode ficar adstrito à organização de "Cantos de Potrulhas" nem à função de cicerone de meninos excursionistas.

No entretanto, de um modo geral, é o que se vê por aí.

O anedotário escoteiro carioca é um vasto coeficiente às minhas assertivas e aqui vai um episódio mais recente:

Recebi em minha Tropa um escoteiro que me veio indagar se eu aceitaria sua transferência. Perguntei-lhe se não estava satisfeito e a razão por que queria mudar de grupo.

— Ah! porque o senhor faz acampamento e passeia muito com os garotos.

— E na sua Tropa não se faz isto?

— Lá não, senhor. Às vezes a gente joga uma "pelada" no campo do Hospital..

— Está bem. Você pode vir, disse-lhe, mas traga seu Passe.

— O Chefe vai "me dar", já falei com êle. No dia tal vou "ganhar" uma "Estrêla". O senhor "me dá a "Estrêla"?

— Depende de seu Passe. Se você tiver o tempo de boa atividade necessário, eficiência e continuar assim aqui, obterá, sem dúvida, sua "Estrêla".

* * *

O menino ficou por ali tomando parte nos jogos e assistindo à instrução. Fiz duas modalidades de Kim que êle desconhecia, confessando depois que não sabia o que era Kim. Quando passamos à parte de Nós, ao mandar um escoteiro fazer um nó qualquer, disse-me êle, animado:

— Chefe, êsse eu sei fazer!

— Êsse?! Quer dizer que os outros não sabe?

— Êsses todos que o senhor está mandando fazer aí, eu não sei. Só sei alguns.

— E você não fez provas?

— Que provas?

— As provas de Noviço. Não é possível

que você, que já vai "ganhar" uma "Estréla", não tenha feito suas provas para ser escoteiro. Você não fez provas de pista, da Bandeira, da Lei?...

— Não fiz coisa nenhuma, chefe. Na minha tropa não tem "êsse negócio" de prova...

— Você pode vir. Traga seu passe e vamos começar do princípio. Você vai praticar êsses nós, a Lei, a higiene, enfim tudo que um menino precisa saber antes de se tornar escoteiro. E venha à paisana. Só depois que você fizer tôdas as provas e a Promessa, poderá usar seu uniforme.

E' triste dizer que o garoto nunca mais me apareceu.

* * *

Êsse é outro. Quantos semelhantes se estão passando por aí? Porque? Seleção. Exclusivamente seleção. Seleção é o problema.

Sei que não será do agrado de muitos a franqueza com que me expressei sobre êste tema, porém nêle reside a base de nosso Movimento e precisa ser encarado de frente e corajosamente. Além disso eu sou Juca Pirama e estou coêrente com a minha apresentação no primeiro número.

Propaganda, chefes e uniforme, serão o meu "Delenda Cartago".

Temos de tornar conhecido nosso movimento. Temos de apresentá-lo condignamente. Façamos propaganda. Nas Escolas, nos Clubes e sobretudo nos Centros Excursionistas. No que difere a atividade de um excursionista da de um pioneiro? Em quase nada. O amor à natureza, vida ao ar livre, atividades físicas, tudo isso lhes proporciona grande afinidade com o nosso Movimento, restando apenas acordar naqueles, os sentimentos concretizados em nossa Lei, o que aliás quase todos possuem, em estado latente.

Despertemos o alma dessa gente. Procuremos renovar e ampliar nossos quadros. As tropas cariocas estão morrendo...

Façamos Chefes e os Escoteiros surgirão como uma consequência.

* * *

Um raio de luz desponta nesta noite tenebrosa que estamos vivendo. A Unificação é uma esperança e Gelmirez um patriota e um grande Chefe. Aguardemos confiantes.

(Da revista "Flôr de Lis").



CANTINA ESCOTEIRA CENTRAL

A Cantina Escoteiro Central, há tanto tempo esperada, está finalmente, em princípios de formação. Sua completa organização, natural-

mente levará um pouco de tempo, devido aos diversos fatores que se opõem ao desenvolvimento de uma entidade.

Como já foi divulgada no número passado de "Alerta!", minha circular n.º 1-51, de 4 de julho de 1951, a maioria dos leitores devem ser conhecedores de que as finalidades principais da Cantina Escoteira Central são: padronizar o material escoteiro em geral, e favorecer as Cantinas Regionais para que estas se formem e incrementem.

Os outros propósitos da Cantina, são qualidade e baixo preço dos Artigos Oficiais da U.E.B. Para tal, a confecções dos Chapéus Escoteiros foi por mim fiscalizada, tanto quanto ao que concerne o material empregado, quanto ao modelo e quanto ao acabamento.

O preço oficial do chapéu para a venda a varejo, é de Cr\$ 100,00; para as Regiões, a cantina fornecerá o chapéu ao preço de Cr\$ 95,00, sendo que o transporte, fica ao cargo da Cantina Escoteira Central. Esta diferença de preço, visa como já frizamos acima, favorecer as Cantinas Escoteiras Regionais, para que estas se desejarem, possam vender os chapéus ao mesmo preço de venda no Distrito Federal.

Com o próximo artigo, esperamos receber dentro de 120 dias, mais ou menos, os novos distintivos oficiais da U.E.B. Estes distintivos serão vendidos a varejo no Distrito Federal aos preços de:

Lobinhos Cr\$ 3,00; p/Regiões Cr\$ 20,00 o metro (14 dist.).

Escoteiro Cr\$ 3,00; p/Regiões Cr\$ 24,00 o metro (12 dist.).

2.ª Classe Cr\$ 4,00; p/Regiões Cr\$ 30,00 o metro (16 dist.).

1.ª Classe Cr\$ 5,00; p/Regiões Cr\$ 40,00 o metro (12 dist.).

Para que os chefes fiquem desde já avisados, as compras só serão efetuadas mediante a apresentação da carteira de identidade Escoteira. Enquanto não a possuir, o Escoteiro só poderá efetuar suas compras, com uma permissão por escrito do chefe de sua tropa. Isto deve ser feito, pois a C.E.C. está destinada a vender somente aos Membros do Movimento Escoteiro.

A Cantina Escoteira Central, deseja receber todas as informações possíveis sobre Fábricas ou Atacadistas que possam fabricar ou fornecer artigos que interessam ao Movimento Escoteiro em geral.

A Cantina Escoteira Central, preferiria, também, trabalhar com pessoas ligadas ao Escotismo, chefes, dirigentes, pais de Escoteiros, etc., para que a Organização Escoteira se amplie e guarde boa Propaganda.

SEMPRE ALERTA PARA SERVIR

JACQUES FRANÇOIS DECOT

Gerente da "Cantina Escoteira Central".

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA

CURSOS MANTIDOS PELO SENAI

Cursos Técnicos:

Um terceiro grupo apresenta fisionomia diversa dos dois anteriores, do ponto de vista de mão de obra. É o das indústrias de tecidos, químicas, de fabricação de papel, de borracha, de plásticos, de curtimento de couro, de alimentos e outras similares.

Também estas se beneficiam da formação de artifices indispensáveis à montagem e à manutenção de suas máquinas e equipamentos.

Na parte de preparo sistemático de homens para a produção, o seu maior problema reside, todavia, na formação de quadros médios e superiores de comando e de controle dos processos de fabricação, isto é, mestres e técnicos, subordinados diretamente a engenheiros e a químicos industriais. Os demais operários, com algumas exceções, são adestráveis no próprio local de trabalho.

Daí ter a lei cometido ao SENAI o encargo não só de manter escolas de aprendizagem, como também uma escola técnica, destinada a atender a este último grupo industrial.

A concepção dada aos cursos técnicos no Brasil é idêntica à de outros países, isto é, cursos logo abaixo do nível universitário.

De um modo geral incluem-se sob a denominação de técnicos, as seguintes categorias de especialistas; ajudantes de engenheiro, assistentes de laboratório, desenhistas, técnicos de produção, supervisores, analistas, calculistas, inspetores, condutores de serviços, especialistas de processos de fabricação, encarregados de controle da produção, especialistas de especificações, superintendentes de setores, supervisores, vendedores especializados, aplicadores de testes, etc.

Em verdade, a enumeração acima feita é apenas exemplificativa, não esgotando, de modo algum, toda a lista de funções desempenhadas por esse tipo de profissional. Tão pouco a referida lista define com a precisão os limites da categoria de técnico, por isso que muitas dessas funções são por vezes exercidas por homens de formação universitária, segundo a conveniência ou o grau de complexidade técnica do problema.

Não se limita o plano da Escola Técnica do SENAI à formação de técnicos para indústrias têxteis e químicas. O equipamento prevista para essa unidade escolar, possibilita, também, o aperfeiçoamento de operários selecionados para a função de mestres para esse grupo de indústrias.

É sabido que o número de mestres e de técnicos a preparar e a mobilizar para as fábricas, constitui uma fração pequena dos operários qualificados. Por outro lado a arregimentação de professores, de assistentes e de especialistas para a ministração de ensino em cursos técnicos constitui problema bem mais difícil e dispendioso.

Por isso mesmo fixou o SENAI a política de construir e manter muitas escolas de aprendizagem, mas só instalar inicialmente uma escola técnica, nos termos da lei.

Essa escola é uma unidade central destinada a atender às necessidades das indústrias químicas e têxteis de todo o país, funcionando num regime de bolsas de estudo que assegure as despesas de transportes e de manutenção dos estudantes selecionados, o que possibilita trazê-los de diferentes e esparsos pontos do País.

Alerta!

AV. RIO BRANCO, 108-3.º — CAIXA POSTAL 1.734
RIO DE JANEIRO (BRASIL)

REVISTA BIMENSAL ILUSTRADA, CONSAGRADA AO DESENVOLVIMENTO E
À DEFESA DO ESCOTISMO E, POIS, A EDUCAÇÃO MORAL, INTELECTUAL E
FÍSICA DA MOCIDADE BRASILEIRA.

REPRESENTANTES — São representantes da revista Alerta!":

AMAZONAS — D. Cristina Ribeiro Pereira — Rua Miranda Leão, 227 — Manaus
— Estados do Amazonas.

PERNAMBUCO — Arlindo Ivo da Costa — Caixa Postal, 1.049 — Recife — Es-
tado de Pernambuco.

SÃO PAULO — Lourival C. Pereira — Rua 24 de Maio, 53-4.º and. — São Paulo
— Estado de S. Paulo.

RIO GRANDE DO SUL — Alfredo Holtz — Caixa Postal, 177 — Pôrto Alegre —
Estado do Rio Grande do Sul.

PORTUGAL — Eduardo Ribeiro — Tr. Vitorino de Freitas, 9 (Ajuda) — Lisboa
— Portugal.

PERMUTA — A revista "Alerta!", solicita permuta com outras publicações.
Exchange Requested — On Demande Echange — Pidese Canje.

PREÇOS — Número avulso, Cr\$ 3,00.

Assinaturas de 6 números — Cr\$ 15,00; de 12 números Cr\$ 30,00.

Assinatura de propaganda — Aceitamos pedidos de assinaturas para serem ofe-
recidos a Tropas Escoteiras do interior, pessoas interessadas ou outras
organizações que forem indicadas.

EDITORA ESCOTEIRA

A "Editora Escoteira" tem à venda as seguintes publicações:

Que é o Escotismo	Cr\$ 2,00
Bases Fundamentais do Método Escoteiro	Cr\$ 1,50
Análise do Método Escoteiro	Cr\$ 1,00
Guiã do Chefe Escoteiro	Cr\$ 8,00
O Adestramento de Chefes	Cr\$ 3,00
Como iniciar uma Tropa Escoteira	Cr\$ 2,00
Aplicando o Sistema de Patrulhas	Cr\$ 3,50
Estatutos da U.E.B.	Cr\$ 2,00
Curso de Monitores	Cr\$ 12,00
O Livro do Lobinho, de B. P.	Cr\$ 8,00
Filosofia do Escotismo	Cr\$ 2,00
O Gênio de Baden Powell	Cr\$ 5,00
Como dirigir uma Manada (Espanhol)	Cr\$ 10,00
A Educação pelo Amôr Substituindo a Educação pelo Temor	Cr\$ 2,50
Padrões de Acampamento	Cr\$ 4,00

Jornais:

"Florianô Peixoto"	Cr\$ 1,50
"Sempre Pronto", de Portugal	Cr\$ 1,50

A "Editora Escoteira" encarrega-se da compra de outros livros e pu-
blicações brasileiras que forem solicitados.

Tôdas as remessas devem ser feitas por carte com valor declarado

CAIXA POSTAL., 1.734 — RIO DE JANEIRO